Jornadas Camilianas
Iconografia

Cadernos Culturais
Câmara Municipal de Vila Real

4
3

Título: Jornadas Camilianas — Iconografia
Autor: Elísio Amaral Neves (Org.)
Textos: A.M. Pires Cabral e Elísio Amaral Neves
Cadernos Culturais, IV Série, n.º 3
Edição: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real
Tiragem: 350 exemplares
Abril de 2008
Depósito Legal: 273464/08
ISBN: 978-972-9462-54-2
Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tip., Lda. - Vila Real

Jornadas Camilianas

Iconografia

JORNADAS CAMILIANAS

Faz exactamente agora 25 anos que tiveram lugar as reuniões preparatórias do Junho Cultural 83, iniciativa que centrava a sua atenção na presença de Camilo em Vila Real (título aliás de uma pequena monografia lançada pela Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão nessa mesma ocasião) e prenunciava um acontecimento cultural único — as Jornadas Camilianas (Vila Real, 1984-1990) — que consideramos entre os mais importantes alguma vez realizados em Vila Real.

Importantes (muito importantes), "únicas e irrepetíveis", como se lhes refere António Manuel Pires Cabral, comigo responsável pelas mesmas, porque, para além de todas as razões por ele evocadas no texto junto, privilegiaram a formação de uma identidade que facilmente podemos depreender das palavras de Manuela de Azevedo, publicadas no *Diário de Notícias* de 12 de Agosto de 1984, "... Pela primeira vez, de uma forma veementemente e inteligente, Vila Real reivindica a paternidade de Camilo Castelo Branco".

E para as valorizar verdadeiramente e de forma definitiva, salvaguardando que se trata do meu critério, só comparáveis no séc. XX ao movimento cívico subjacente à construção do monumento a Carvalho Araújo, ao projecto editorial da revista *O Dilúculo*, ao Circuito Internacional de Vila Real, ao movimento cultural e editorial Setentrião, na década de 1960, às comemorações dos 7.os centenários dos forais de 1272 e 1289, à criação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, à revitalização dos Jogos Populares, ao Festival de Música Barroca da Casa de Mateus, ao Ciclo "História ao Café" (Museu de Vila

Real) e, já neste século, à programação do Teatro de Vila Real.

Ao trabalho académico recolhido na Revista *Tellus*, juntam-se as homenagens a João de Araújo Correia, a Pedro Alvellos e a António Canavarro de Valadares, camilianistas distintíssimos; convites e concursos abertos a desenhadores e caricaturistas, que muito enriqueceram a já vasta iconografia camiliana; a classificação do Fojo do Lobo (IIP, 1986); as refeições predilectas de Camilo; as visitas e sinalização dos recursos e valores camilianos; a teatralização de acontecimentos também eles únicos na história do escritor ou com ela relacionados: o assalto (e desvio do autocarro para Vilarinho da Samardã) pela quadrilha de Luís Meirinhos, Camilo ajudante de McDonnel, o anúncio por uma alcoviteira do rapto de Patrícia Emília, a "espreitadela" do fantasma do capitão-mor de Santo Aleixo de Além-Tâmega, a agressão a Camilo pelo Olhos-de-Boi, o naufrágio do Barão de Forrester, a manifestação hostil de adeptos de Eça de Queirós, as proclamações do Padre Casimiro no balcão do Zé-da-Sola, o momento em que o pai de Camilo é suspenso das funções de correio-assistente em Vila Real, acusado de miguelista, etc, etc.

E também mais de 130 publicações, muitas delas entre o real e o fantástico, já que como disse e escreveu de forma invulgarmente feliz o meu companheiro de Jornadas, quando se dirigiu ao Presidente da República, Mário Soares, *Camilo é estrada larga onde cabem muitos caminheiros lado a lado*, e eu diria, no respeito estrito da efabulação que norteia parte da sua obra, "Camilo é estrada larga" onde cabe toda a imaginação.

Elísio Amaral Neves

JORNADAS CAMILIANAS
UM MARCO NOS ESTUDOS CAMILIANOS

Entre 1984 e 1990 realizaram-se todos os anos, em Vila Real, as Jornadas Camilianas, precedidas, em 1983, de um Junho Cultural que já prestava a Camilo uma atenção especial, prenunciando as Jornadas, e seguidas de uns Passos de Camilo, em 1991, que coroaram o ciclo.

Foram organizadas conjuntamente pelos Serviços Municipais de Cultura e Círculo de Estudos Camilianos (coordenados por António Manuel Pires Cabral, sendo na altura presidente da Câmara o Dr. Armando Moreira) e pela Região de Turismo da Serra do Marão (à época presidida por Elísio Amaral Neves), que algumas vezes agregaram a si o Arquivo Distrital de Vila Real (dirigido por Manuel Silva Gonçalves) e asseguraram a colaboração da Câmara Municipal de Ribeira de Pena (com relevo para a acção de João Leite Gomes e Francisco Botelho). Foi um bloco de nove acções, portanto, em que cada qual rivalizou em interesse com a anterior. Diversos números da Revista *Tellus* arquivaram os textos das comunicações produzidas e constituem hoje uma referência bibliográfica camiliana fundamental.

As Jornadas Camilianas foram, no seu conjunto, um dos acontecimentos culturais mais importantes jamais realizados em Vila Real e, atrevemo-nos a dizer, no País. A elas se deve um reacender do interesse pela figura do nosso primeiro romancista, cujo estudo potenciou. Deixaram memória indelével entre aqueles que algum dia nelas participaram, não só pela profundidade das teses nelas defendidas, como pela qualidade dos participantes (quer dentro quer fora da esfera universitária), pela variedade das abordagens, não esquecendo a sua criatividade (bem documentada no material publicado neste caderno), a sua irreverência e os imorredouros laços de amizade e camaradagem criados entre as pessoas que nelas participaram.

De algum modo, foi esta combinação entre peso científico e abordagem lúdica que as tornou únicas e irrepetíveis. No intervalo entre as sessões de trabalho, havia sempre algum momento de descontracção e humor, sempre referido a Camilo e por vezes agarrado à actualidade, como o desvio do autocarro (referência actual) pela quadrilha de Luís Meirinho (referência camiliana) ou a rapto pelas Brigadas JL (referência actual) do (imaginário) camiliano romeno, Prof. Calistrat Radulescu.

De tudo isso — do sério e do jocoso — falam eloquentemente as imagens que se arquivam (admitindo poder faltar uma ou outra da mais de uma centena de publicações produzidas), para memória futura, nas páginas seguintes. Mas não queríamos terminar esta brevíssima introdução sem reproduzir alguns testemunhos de gente importante do mundo dos estudos literários sobre as Jornadas Camilianas:

> «(...) Um espaço sério e dialogante de estudo da obra do grande escritor; (...) um modo de convívio salutar e de reflexão desenvolta (...)» (Maria Alzira Seixo)

> «Daqui a justificação destas Jornadas como convívio e partilha do saber camiliano, longe de qualquer imposição dogmática. (...) Vila Real é paragem obrigatória cada ano, simpática e eficaz.» (Manuel Simões)

> «Manifestação cultural séria (...). Festa do espírito – que o são, mercê do humor e da hospitalidade, do à-vontade elegante e da simpatia cordial que as anima e permite que se reúnam, em volta de um autor amado (...) pessoas de gerações diferentes e formação vária, irmanados num convívio inesquecível. Eu, confesso, não julgava que tal coisa fosse possível, até ter sido envolvida por esta atmosfera mágica.» (Esther de Lemos)

> «(...) Para provar que os encontros de estudiosos de temas e personalidades literárias não têm que ser chatos, académicos, povoados de pessoas que usam peúgas com

sandálias. Para provar que é possível piscar o olho à cultura, amandando-lhe um sorriso – um riso! – de são gozo, materializando-lhe as referências. Para demonstrar, também, que a universidade pode ser uma instituição moldável e adaptada. Para conhecer personagens fascinantes como Alexandre Cabral e Manuel Simões – que dificilmente encontraria noutros lugares.» (Luís Fagundes Duarte)

«Tais como as fiquei a conhecer este ano, estas Jornadas são exemplares para muitas coisas que era preciso fazer, porque motivam, de facto, um novo interesse, novas focagens necessárias acerca da obra Camiliana, numa atmosfera de naturalidade e festa.» (Óscar Lopes)

«As Jornadas Camilianas são, a um tempo, o reconhecimento desse interesse por Camilo e um exemplo de como na província, quando aí não falta gente com dinamismo e imaginação, se podem promover iniciativas de natureza cultural quais as não vemos nos chamados 'grandes centros'. E essas iniciativas mobilizam tanto conterrâneos e vizinhos como pessoas que vêm de longe, até de além-fronteiras. (...) O significado das Jornadas Camilianas é o de, evocando Camilo, não o imobilizar no passado, mas projectá-lo no futuro.» (João Bigotte Chorão)

«As Jornadas Camilianas vingaram por força da imaginação, bom bosto e sensibilidade dos seus organizadores que têm conseguido congregar em Vila Real pessoas muito diversas tendo como interesse comum Camilo Castelo Branco. Num ambiente cultural (vivificado pelos organizadores) críticas, estudos, reflexões, enriquecem-se mutuamente e o trabalho torna-se um autêntico prazer...» (Maria de Lurdes Ferraz)

A. M. Pires Cabral

JUNHO CULTURAL 83

EXPOSIÇÃO

CAMILO NAS ARTES PLÁSTICAS

GALERIA ÁTRIO
6-30 . JUNHO . 83

Catálogo da exposição *Camilo nas Artes Plásticas* (JunC)

JUNHO CULTURAL 83

DIA 18 DE JUNHO

17H30 - ABERTURA DO CÍRCULO DE ESTUDOS CAMILIANOS NA BIBLIOTECA PÚBLICA

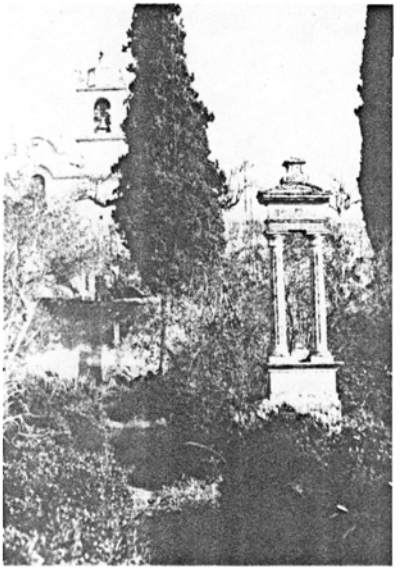
18H00 - PALESTRA «*O AMOR DE PERDIÇÃO - PARADIGMA DO CONFLITO DE GERAÇÕES*» PELO PROFESSOR DOUTOR *EURICO DE FIGUEIREDO* NO SALÃO NOBRE DA CÂMARA MUNICIPAL

ENTRADA LIVRE

Cartaz da sessão de abertura do Círculo de Estudo Camilianos (JunC)

JUNHO CULTURAL 83

VISITA GUIADA A LOCAIS CAMILIANOS



19 JUNHO * 10H00

SAÍDA DA CÂMARA MUNICIPAL

Cartaz da *Visita guiada a locais camilianos* (JunC)

CAMILO E JOSÉ CABRAL

original de A. M. Pires Cabral
apresentado pelo TET
(Teatro de Ensaio Transmontano)
na Avenida Carvalho Araújo
nos dias 29 e 30 de Junho
e 1 de Julho de 1983
pelas 22h00

espectáculo integrado no
JUNHO CULTURAL 83

Cartaz da peça *Camilo e José Cabral* (JunC)

Vila Real
presença de Camilo

A.M. Pires Cabral, *Vila Real — Presença de Camilo*. – Vila Real: Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão, 1983 (JunG) | Ilustrações de Victor Ribeiro

Camilo, pelo feitio étnico do seu espírito, pelo sangue, pelo temperamento e até pela educação, é um português do norte — um transmontano.

Nasceu em Lisboa, bem sei. Mas isso importa pouco. Na vida do romancista é um detalhe mínimo, acidental. A pátria não é a terra onde se nasce; a pátria é a terra do nosso sangue, e a terra que nos modela o espírito.

MANUEL LARANJEIRA, in "Ilustração Trasmontana"

Camilo nasceu em Lisboa a 16 de Março de 1825, conforme os registos oficiais e também por ironia do destino. É como se Maomé tivesse nascido na Groenlândia. Mas onde Camilo nasceu, ou antes, renasceu, foi na Samardã de Trás-os-Montes.

TEIXEIRA DE PASCOAIS, "O Penitente"

Texto de António Manuel Pires Cabral

Ilustrações de Victor Ribeiro

Edição da Comissão Regional de Turismo
da Serra do Marão

Camilo Castelo Branco, por sabe-se lá que voltas da roda da fortuna, sempre vária, sempre amiga de negacear, nasceu em Lisboa. É um facto histórico. Sabemos mesmo a data e o lugar exacto: 16 de Março de 1825, na rua da Rosa.

Pois sim. Mas a sua memória perpassa cem mil vezes mais viva nas ruas do velho burgo do Marão e nos quelhos de Vilarinho da Samardã, para não falar dos barrocais do Alvão, do que nas avenidas da capital. Nasceu ali, é certo, mas procede daqui. Isto é: fez-se aqui. O seu sangue é transmontano, assim como o seu génio e as suas taras. É um rebento dos **Brocas**, de impenitente costela vila-realense, ainda quando a renega e maldiz.

E todavia Vila Real quase o não sentiu passar, senão por breves escândalos que, por tão transmontana raiz terem, depressa se aquietaram e esqueceram, como as ondas a que a folha de parra obriga a água parada do tanque, ao cair nela.

BUSTO DE CAMILO CASTELO BRANCO / JARDIM DA CARREIRA

Pior: Vila Real ainda não assumiu, como podia e devia, a paternidade anímica do romancista. Sim, há uma escola com o seu nome, uma rua e um largo com o seu nome, uma lápide com o seu nome, um busto com o seu nome, recôndito algures num jardim da cidade. Será bastante? Camilo não merecerá mais? Esgotar-se-á em tão pouco a responsabilidade da nobre vila de D. Dinis?

Sem ter a pretensão de contribuir com tanto como uma unha negra para alterar a situação, rastrearei de seguida alguns locais onde Camilo terá roçado com a sua asa de ave irrequieta.

Criança dos seus seis, sete anos, Camilo terá vivido em Vila Real, entre 1830-31. Para aqui veio com seu pai, funcionário dos correios, tendo provavelmente habitado os altos do prédio que então os correios ocupavam — a casa dos Vilaças, residência apalaçada na actual avenida Almeida Lucena (então designada por Carreira de Baixo), onde hoje funcionam alguns serviços do Instituto Universitário.

CASA DOS VILAÇAS

Regressado a Lisboa, por seu pai ter perdido o emprego nas tricas da época, só em 1836 aqui voltaria, órfão, entregue pelo conselho de família aos cuidados da tia Rita Emília. É mais que certo não ter morado na célebre Casa dos Brocas, à rua que hoje tem o seu nome e que então se chamava da Piedade. Tão-pouco deve ter morado na Quinta de Montezelos, de que aliás parte lhe cabia por herança de seu pai. Deve ter residido, sim, na rua do Carmo, em casa entretanto demolida, e, mais tarde, na então chamada rua das Casas Novas, além de São Pedro, no edifício onde mais tarde se instalaria o Asilo Augusto César e hoje é sede de um partido político.

Entre 1839 e 1841 vive, com a irmã, o cunhado e o Padre António de Azevedo, irmão do cunhado, em Vilarinho da Samardã, em casa que ainda existe, se bem que profundamente alterada na sua traça primitiva. Uma lápide, ao cimo das escadas, lembra que Camilo passou ali "os primeiros e os únicos felizes anos" da sua mocidade.

CASA DOS BROCAS

A dois passos fica a igreja, onde mais tarde, segundo conta e ninguém de bom senso acredita, teria desenterrado, de parceria com o cunhado médico, o cadáver de Maria do Adro. A uns duzentos metros corre o Corgo, a que tanta vez se referirá, em cujas margens — assim o assegura — os profanadores lograram encontrar uma furna ajeitada à dissecação do corpo...

Em 1841, a fortuna impele-o para terras de Ribeira de Pena, onde foi ajudante de tabelião, aluno do padre Manuel Rodrigues, célebre mestre da Granja, e onde casa pela primeira vez, com uma desafortunada rapariga de Friúme, casamento que ocultará sempre pela vida fora e que chegará a rotular de "uma infâmia".

QUINTA DE MONTEZELOS

RUA DA BOAVISTA / ANTIGA RUA DAS CASAS NOVAS

Em 1845, e pelo espaço de três anos, ei-lo de novo em Vila Real, agora pela primeira vez a mostrar os esporões de galo de combate nas pugnas literárias. Por esta altura, alguma coisa deve ter dado nas vistas, primeiro com a representação de uma peça de teatro, **Agostinho de Ceuta**, de sua autoria, logo com o escândalo de seus amores com Patrícia Emília, que o levariam pela primeira vez à prisão, enfim com as suas querelas, de funesto desfecho, com o então governador civil, o bacharel José Cabral Teixeira de Morais.

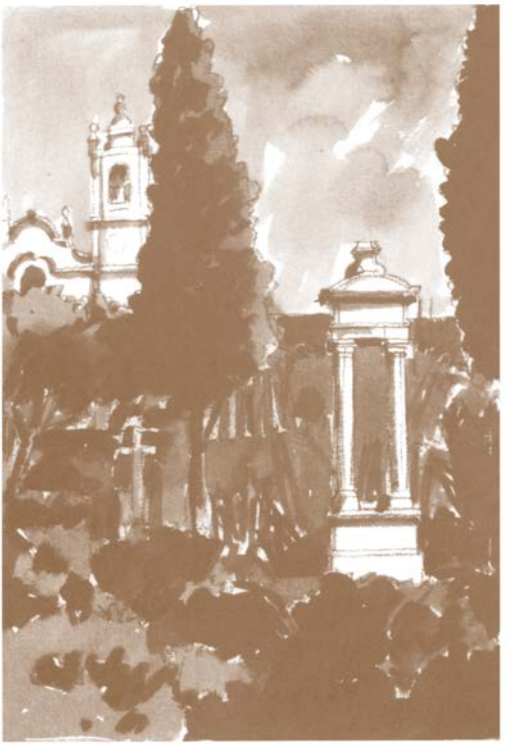
O teatro onde o **Agostinho de Ceuta** foi representado terá sido, segundo todas as probabilidades, um barracão (com as necessárias adaptações) pertença de seu tio por afinidade, João Pinto da Cunha, nas imediações da casa da rua da Piedade.

Patrícia Emília, órfã, viveria, segundo se crê, em casa de sua madrinha, na rua do Jogo da Bola, hoje Alexandre Herculano, ao lado esquerdo de quem sobe.

Na obra de Camilo há referência a diversos outros lugares da vila, como a loja do Zé da Sola, onde lia a um público de legitimistas esturrados as furibundas e patéticas proclamações do façanhudo padre Casimiro. Onde terá sido essa loja não é fácil hoje saber-se.

RUA ALEXANDRE HERCULANO / ANTIGA RUA DO JOGO DA BOLA

Outro lugar camiliano será o jazigo de família, no cemitério do Carmo, a respeito do qual nos impinge mais uma das suas despudoradas balelas e no qual ficaram inscritos — efemeramente, o tempo diluiu-os — os seus primeiros versos.



JAZIGO / CEMITÉRIO DO CARMO

Outro lugar ainda a merecer referência será o entroncamento da rua D. Margarida Chaves (antiga ruas das Flores) com a rua Isabel de Carvalho (na altura rua de S. Jacinto), onde, a débito da sua actividade de jornalista político, terá sido espancado pelo **Olhos-de-Boi**, caceteiro da pior marca e lugar-tenente de José Cabral Teixeira de Morais. E, já que falámos de espancamentos, não podemos omitir a rua Direita (já então assim chamada), onde alguns sargentos do 13 vingaram no físico do jovem plumitivo certas afrontas jornalísticas de raiz igualmente política. Foi de resto desanimado com reacções destas que Camilo decidiu fazer as malas e buscar noutros lugares mais remansosos pouso para a sua própria irrequietude, apenas voltando esporadicamente, uma vez por outra, à terra que, a julgar pelas suas referências ulteriores, tão madrasta lhe fora.

RUAS D. MARGARIDA CHAVES E ISABEL DE CARVALHO / ANTIGAS RUAS DAS FLORES E DE S. JACINTO

CAPELA NOVA E ENTRADA DA RUA DIREITA

Estes são alguns dos lugares que evocam a passagem do romancista pelas calçadas de Vila Real. Outros muitos haverá, que os estudiosos hão-de acabar por situar e referenciar com toda a exactidão. Sim, um dia isso há-de ser feito, sem dúvida. Enquanto e não, aí fica esta resenha, tão incompleta como apressada, e esta chamada de atenção para a presença de Camilo em Vila Real — uma presença que, bem estudada, talvez contenha motivos de interesse para a compreensão da génese da obra ímpar que o mestre nos legou.

2000 exemplares / edição da Comissão Regional
de Turismo da Serra do Marão
por ocasião do Junho Cultural / 1983

Composto e impresso na Proença, CRL
Rua da Saudade, 6-A - Lisboa

Tellus

N.os 10 - 11
Dezembro 83

Revista de cultura

Tellus, Vila Real, N.os 10 - 11, pp. 86-89, Dezembro de 1983 (JunC)

BOLETIM
N.º 1 □ Março 84

CÍRCULO DE ESTUDOS CAMILIANOS
BIBLIOTECA PÚBLICA E MUNICIPAL □ VILA REAL

O segundo passo

Em 18 de Junho de 1983, no decorrer de uma sessão cultural, realizada nos Paços do Concelho de Vila Real e integrada no «Junho Cultural 83», foi anunciada a criação, no âmbito da Biblioteca Pública e Municipal desta cidade, do Círculo de Estudos Camilianos. Foi o primeiro passo.

Recordemos, das palavras então proferidas por A. M. Pires Cabral, os seguintes passos:

Quer-nos parecer — e já o deixámos escrito algures — que Vila Real ainda não tomou plena consciência de que estes montes, estes ares e estas gentes constituem a matriz psíquica de Camilo Castelo Branco. A cidade ainda não assumiu devidamente como seu filho aquele que, tendo embora nascido longe, tipifica talvez como ninguém a alma transmontana, nos seus rasgos e excessos e também nas suas limitações. Camilo é uma daquelas figuras tutelares que, por si só, pode alimentar torrencialmente a vida cultural (com as implicações, turísticas e outras, que daí advêm) de uma cidade — um pouco como Shakespeare alimenta a de Stratford-upon-Avon ou Wagner alimenta a de Bayreuth, por exemplo.

Talvez o defeito não seja apenas de Vila Real, mas de todo um país que não

Boletim do Círculo de Estudos Camilianos, Vila Real, n.º 1, Março de 1984, in *Tellus*, Vila Real, n.º 12, Março de 1984 | Também publicado em separata

BOLETIM
N.º 2 □ Março 86

CÍRCULO DE ESTUDOS CAMILIANOS
BIBLIOTECA PÚBLICA E MUNICIPAL □ VILA REAL

Camilo, Jornalista Vila-realense

(Continuação)

António Canavarro de Valadares *

3 — Bucólica na Samardã

Mas, nos finais de 1838, um leve namoro de D. Carolina Rita com o filho dum boticário vizinho inflamou os brios aristocráticos da tia, que no seu caso pessoal pouco cuidara disso e levou-a a desviar a sobrinha para longe de Vila Real.

O pretexto invocado foi a necessidade de ela usar umas águas férreas medicinais existentes em Vilarinho da Samardã.

E de tal deslocação veio a resultar o casamento de D. Carolina Rita com Francisco José de Azevedo, ao tempo estudante da Escola Médica do Porto, enlace esse celebrado em 5 de Outubro de 1839, pelo cunhado e irmão dos noivos e pároco de freguesia de Vilarinho, padre António José de Azevedo. Camilo romanceou, duas décadas e tal depois, no quarto dos seus «Doze Casamentos Felizes», impressos em 1861, este curioso episódio, no qual João Pinto da Cunha é picarescamente incarnado no personagem Hilário Afonso.

---

* Camilianista

Boletim do Círculo de Estudos Camilianos, Vila Real, n.º 2, Março de 1986, in *Tellus*, Vila Real, n.º 14, Março de 1986 | Também publicado em separata

JORNADAS CAMILIANAS

Vila Real, 26 a 29 de Julho de 1984

- CÍRCULO DE ESTUDOS CAMILIANOS
- SERVIÇOS MUNICIPAIS DE CULTURA
- REGIÃO DE TURISMO DA SERRA DO MARÃO

Vila Real, 25 de Maio de 1984

Exmo. Senhor

Vão realizar-se, entre 26 e 29 de Julho de 1984, em Vila Real, as primeiras Jornadas Camilianas, que constituirão, ao que julgamos, uma excelente oportunidade de encontro e diálogo em torno da figura do Romancista.

Os trabalhos centrar-se-ão em três temas: Camilo e a Região de Vila Real, Camilo e os Programas Escolares e a Tradição Camiliana na Novelística Portuguesa.

Confirmaram já a sua presença alguns dos mais ilustres especialistas na obra de Camilo.

Conhecendo o interesse de V. Ex.ª pelo assunto, tomamos a liberdade de lhe remeter uma ficha de inscrição, com vista a uma participação que cremos será frutuosa para V. Ex.ª como para os restantes Congressistas.

Junto remetemos também o programa das Jornadas.

Com os melhores cumprimentos.

Pel'O Secretariado,

A. M. Pires Cabral

Circular anunciando a realização das Jornadas Camilianas, Vila Real, 25 de Maio de 1984 (JC1)

JORNADAS CAMILIANAS

Vila Real, 26 a 29 de Julho de 1984

- CÍRCULO DE ESTUDOS CAMILIANOS
- SERVIÇOS MUNICIPAIS DE CULTURA
- REGIÃO DE TURISMO DA SERRA DO MARÃO

PROGRAMA

Dia 26

Recepção aos Congressistas e entrega de documentação	18h00 - 22h00

Dia 27

Sessão de Abertura	9h30
Sessão de Trabalho (Tema A)	10h00 - 11h00
Intervalo para café	11h00 - 11h15
Sessão de Trabalho (continuação)	11h15 - 12h30
Almoço	13h00
Sessão de Trabalho (Tema B)	15h00 - 16h00
Intervalo para café	16h00 - 16h15
Sessão de Trabalho (continuação)	16h15 - 17h30
Visita à cidade de Vila Real, com passagem por locais de interesse camiliano	17h45
Jantar de boas-vindas	21h00
Passagem de diaporama	

Dia 28

Sessão de Trabalho (Tema C)	10h00 - 11h00
Intervalo para café	11h00 - 11h15
Sessão de Trabalho (continuação)	11h15 - 12h30
Visita a locais de interesse camilianos no concelho de Ribeira de Pena	15h00
Merenda na N.ª S.ª da Guia (Ribeira de Pena)	

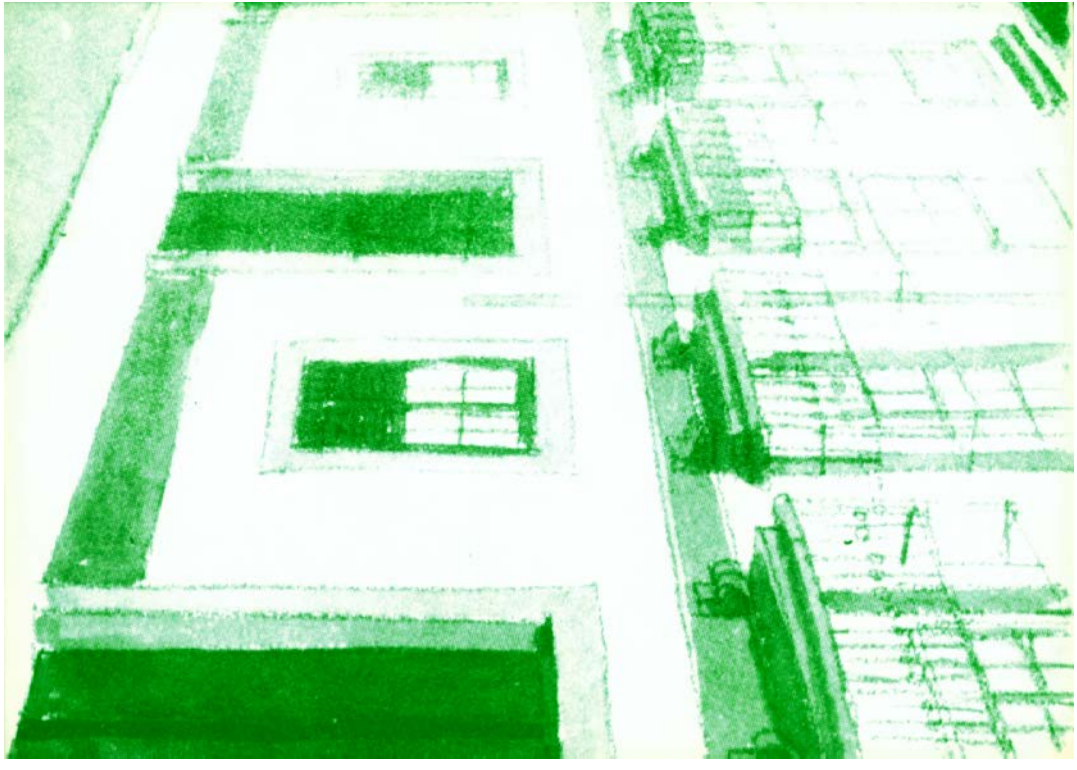
Dia 29

Sessão de Trabalho, leitura e aprovação de conclusões e Sessão de Encerramento	10h00 - 12h00
Almoço de Encerramento	12h30

Temas

Tema A: Camilo e a Região de Vila Real
Tema B: Camilo e os Programas Escolares
Tema C: A Tradição Camiliana na Novelística Portuguesa

Programa das Jornadas Camilianas, Vila Real, 26 a 29 de Julho de 1984 (JC1)



Pasta (JC1)

JORNADAS CAMILIANAS

Vila Real, 26 a 29 de Julho de 1984

- CÍRCULO DE ESTUDOS CAMILIANOS
- SERVIÇOS MUNICIPAIS DE CULTURA
- REGIÃO DE TURISMO DA SERRA DO MARÃO

Bloco de notas (JC1)

JORNADAS CAMILIANAS

Vila Real, 25 a 29 de Julho de 1984

- CIRCULO DE ESTUDOS CAMILIANOS
- BIBLIOTECA MUNICIPAL DE VILA REAL
- PEGADA DE "LEGADO DA DONA ROSA MARÃO"

Autocolante (IC1)

Figura de Urso

Por João de Araújo Correia

Mal conheço ou apenas conheço de insuficiente leitura o Sr. Alberto Moravia — célebre escritor italiano, que hoje vai contando, pouco lhe falta, cerca de oitenta anos de idade.

Não quero discutir a espantosa fama do Sr. Moravia — embora, pelo pouquinho que o relanceei, pouco o aprecie. São gostos... Fui criado, em Literatura, com outra idealidade.

Vem isto a propósito da visita de Moravia à sombra de Camilo, em S. Miguel de Ceide, no dia 13 de Fevereiro de 1983, que, por acaso ou de propósito, foi terça-feira gorda.

O que se passou em Ceide, na casa de Camilo, foi mais entrudo que prenúncio de Primavera. Foi uma entrudada.

Concluí que Alberto Moravia, pelo que li no meu jornal, entrou em casa de Camilo para o escarnecer à vista de quantos objectos o recordavam. Escarneceu da modesta biblioteca de Camilo, sucessora da inestimável livraria erudita, vendida pelo escritor para acudir às necessidades da sua despensa.

Estranhou não ver Camilo deitado na mesma cama com Ana Plácido. Não percebeu que o escritor, escrevendo de noite, com o magro e dolorido corpo no seu leito, não quereria incomodar com a luz a companheira. Dele a separava uma divisória.

Escarneceu das cartolas de Camilo, expostas numa vitrina ou, se mal me lembro, livres do pó com outra protecção.

Moravia, na sua qualidade de manco, respeitou as bengalas. Foram estas o único elo que o ligou a Camilo. Ao ler ou depois de tentar ler um manuscrito do nosso escritor, confessou que o não admirava.

Se me disserem que Alberto Moravia tinha lido e compreendido o essencial da obra de Camilo, poderei conformar-me com o seu mau gosto.

Se me disserem que Alberto Moravia leu o Amor de Perdição, *bem traduzido em língua italiana, e dele desdenhou, não poderei conformar-me com a insensibilidade e pouca inteligência de quem usa nos pés esporas de escritor. Quem não compreenda nem sinta o* Amor de Perdição *tem cérebro de greda e coração de pedra.*

À antiga modéstia dos Homens de Letras, quer fosse falsa, quer fosse verdadeira, sucedeu a actual filáucia, a actual megalomania de quase todos os literatos.

Sofrem de hipertrofia do eu aqueles cuja única missão é destruir a glória de escritores antigos. Pegam na caçadeira e... pumba ! Matam os imortais.

Simpática era a discrição dos velhos escritores, que se entretinham a escrever, sobre vários assuntos, sem proclamarem o mais estéril e berrado eu *que se possa imaginar.*

É possível que o Sr. Alberto Moravia, não obstante a intensa e extensa produção literária, à parte o elogio que possa merecer, tenha também costela de megalómano. Como despiu o casaco, mostrou essa costela a quem quis palpar.

Não há ninguém que não faça, de vez em quando, figura de urso, que vem a ser triste figura ou má figura.

Faz-se triste figura por excesso de ousadia, timidez ou qualquer aspecto de debilidade mental.

Quer-me parecer que o Sr. Alberto Moravia, não obstante o seu renome, fez figura de urso em S. Miguel de Ceide, na terça-feira de entrudo de 1983.

11-5-84

Folheto "Figura de Urso", texto de João de Araújo Correia, 11 de Maio de 1984 (JCI)

1.ª Jornadas Camilianas organizadas pelo Círculo de Estudos Camilianos

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE CULTURA
DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA REAL

HOMENAGEM AO GRANDE ESCRITOR
VILAREALENSE

Camilo Castelo Branco

O Fojo Camiliano da Samardã

(in : NOVELAS DO MINHO, 3.º Vol., n.º IX,
O DEGRADADO, pags. 17 a 20 —
— MATTOS MOREIRA & C.ª, LISBOA,
Praça de D. Pedro, 68 — 1877)

Edição do Eng. PEDRO ALVELLOS
VILA REAL
1984

Desdobrável "O fojo camiliano da Samardã", texto de Camilo Castelo Branco, edição do Eng.º Pedro Alvellos, Vila Real, 1984 (JC1)

1.as Jornadas Camilianas organizadas pelo Centro de Estudos Camilianos

Serviços Municipais de Cultura da Câmara Municipal de Vila Real

com a colaboração da

REGIÃO DE TURISMO DA SERRA DO MARÃO

O Fojo Camiliano da Samardã

por: PEDRO ALVELLOS

1.º Tema: **Camilo e a Região de Vila Real**

VILA REAL

1984

Pedro Alvellos, *O fojo camiliano da Samardã*.-Vila Real: edição de autor, 1984 | Edição policopiada (IC1)

ANO XXIII — Nº 1212 — VILA REAL 22-7-1972

A VOZ DE TRÁS-OS-MONTES

Fundado em 9 de Novembro de 1947
Composto e Impresso na Minerva Transmontana · Tel. 22906

DIRECTOR E EDITOR
Pe HENRIQUE MARIA DOS SANTOS

Propriedade das Conf. de S. Vicente de Paulo de Vila Real
ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO
Av. Carvalho Araújo, 100 — Telef. 22423 — VILA REAL

VILA REAL não deve esquecer Camilo

Há dias, com o propósito de homenagear Camilo, reuniram-se no lugar das Musas, a perto de mil metros de altitude, num local paisagístico de invulgar beleza, os rotários de Vila Real com cerca de duas centenas de convidados. Foi uma festa admirável de companheirismo, de pura e sã amizade onde como sempre se aprendeu que o egoísmo, a vaidade e a intolerância não compensam.

A sensação de alegria e até de relativa felicidade que todos nós sentimos pairar sob o sol tórrido dessa tarde, não podiam deixar de tocar aqueles para quem o culto da humildade, da justiça, da verdade e do amor ao próximo é uma preocupação constante.

Adivinhava-se-lhes nos corações; estampava-se-lhes nos rostos.

Foi como dissemos e sem exageros o repetimos, uma reunião de alegria e pura camaradagem.

Como tinha sido prèviamente planeado e só assim se justificava uma reunião rotária, houve um momento consagrado a Camilo, que como todas as homenagens por Vila Real dedicadas ao grande romancista, não fugiu à regra de ser modestíssima; mesmo muito modesta.

Ora queríamos aproveitar esta oportunidade para lembrar a Vila Real, que são horas de recordar Camilo como merece.

Temos uma grande dívida para com o imortal escritor.

Desde o bailado do busto do Jardim da Carreira à placa por nós deixada nas fragas das Musas, enterrada num silêncio sepulcral, tudo tem sido homenagenzinhas sem nível, salvo raras excepções.

Camilo merece mais; muito mais.

Estamos no ano das comemorações do VII Centenário do Foral de Vila Real.

No dia 1 de Junho passado iniciaram-se as comemorações cívicas em curso, com uma magistral palestra proferida pelo grande contista João Araújo Correia, a convite do Clube Rotário da cidade.

Diga-se, que o programa foi cuidadosamente elaborado e que vai sendo executado na íntegra com rara elevação e sem lapsos a lamentar.

Porém, somos de parecer que um aditamento não tinha concerteza qualquer inconveniente e podia ser motivo, de a tempo, Vila Real saldar a dívida que ainda tem em aberto para com Camilo.

O ano de 1972, não terminou ainda.

Por isso, alvitravamos que se fizesse no último mês, em Dezembro, uma homenagem ao autor do Amor de Perdição a nível nacional que definitivamente pusesse em paz a nossa consciência de respeitadores da memória desse grande portugués que com Camões, Herculano e outros ajudou a dignificar a nossa língua, o que significa a fortalecer uma das razões mais válidas de independência e da grandeza da Pátria.

Fechava-se assim o ciclo das comemorações do VII Centenário do Foral sob a égide daquele que por estes altios agrestes, das tão portuguesas cercanias de Vila Real, durante anos acumulou e sorveu sensações que mais tarde haviam de explodir em magistrais páginas que tanto enriquecem a nossa literatura.

Saldava-se deste modo a grande dívida no momento mais azado para o fazer.

Seria então o Clube Rotário de Vila Real, mais uma vez a propor uma homenagem a Camilo, lembrando a erecção dum monumento digno do autor de o Santo da Montanha.

* * *

Ainda está em relativo bom estado de conservação o «fojo», que o genial escritor nos descreve nas páginas imortais que nos legou.

A nosso ver, era ali, no fojo da Samardã, que o monumento se deveria erigir. Seria lá, nesse recinto já consagrado, o local de peregrinação para os admiradores do genial escritor.

Que me dizem os companheiros rotários de Vila Real e os companheiros rotários do País? Que belo serviço à comunidade; não acham? Que dizem os membros da Comissão das Comemorações do VII Centenário do Foral, e a Exª Câmara de Vila Real, e o grande amigo da nossa Terra Ser. Eng. Alvellos, Ilustr. Presidente da Comissão de Turismo da Serra do Marão, e os Serviços Florestais de cuja jurisdição depende a conservação do célebre fojo e em suma, os Vila-realenses sempre tão prontos a defender os legítimos interesses da sua Terra e os transmontanos que se orgulham dos seus valores humanos, e a Nação?

* * *

Há meses, na companhia dum velho amigo visitamos o célebre fojo.

Não foi preciso muito tempo para sentir envolver por sobre a magestosa penedia que por ali se espalha e amontoa a esmo, o espírito de Camilo.

E dessas fragas imponentes, enegrecidas por milénios, que assistiram tantas vezes à presença do menino e moço que com os zagais repartia o pão e o fumeiro que a ocultas da irmã levava consigo para a serra; que viram as zaragatas, de pau e de pedra, que o rapazola atrevido travava com os carvoeiros da Samardã; que ouviram os balidos das ovelhas no fojo; que viram o lobo «derreado» e de orelha fita a arrastar-se nas lages para saltar ao cerrado; que estremeceram com o tiroteio do inexperiente caçarreta que nem ao de leve bolisca va a pele das bestas-feras; eu julguei vêr dedos de escultor gigante a esculpi-los e donde iam ressuscitando em traços fisionómicos difíceis de captar um Camilo ora menino feliz ou homem feito e lutador; ora velho, desiludido e cego. E com que saudades ele me parecia recordar aqueles sítios da Samardã que tão bem conhecia desde os seus 11 anos, ou as lições que tanto haviam de perdurar pela vida fora a confirmarem... «que foi ali que eu me familiarizei com as bestas-feras; ainda assim topei-as depois cá em baixo, nos matagais das cidades tais e tantas que me eriçaram os cabelos...» ou com um sorriso de amargura a recordar — «onde passei os primeiros e únicos felizes anos da minha mocidade».

Que belo cenário me pareceu aquele para evocar Camilo.

E ali, se erguería uma memória que recordasse a cena da morte do lobo; ali se esculpiria em granito um vulto grande do grande Camilo; ali se construiria um museu onde se expusessem à nossa veneração as figuras principais e eternamente humanas que a fantasia de Camilo criou; ali, num arranjo urbanístico conveniente se construiria um local de atracção turístico e cultural, onde ao ar livre se pudessem representar as suas peças de Teatro, ler essas páginas incomparáveis da antologia camiliana que espalhadas por dezenas e dezenas de volumes fazem parte do nosso melhor património literário; ali se recitariam as suas mais belas poesias; ali se consagraria todos os anos uma semana a Camilo.

Vamos a isto? Porque esperamos?

E para terminar consintam-me o gracejo.

Aos da «Vila» que não conhecem o local do «fojo» e que do Camilo só ouviram dizer que foi o autor do Amor de Perdição; ou que possivelmente já verteram uma lágrima por Teresa ou por Mariana, a esses posso garantir-lhes e dizer-lhes: — Ali, também é um bom lugar para se comer uma bola.

Julho de 1972

Otílio Figueiredo

Nota justificativa desta reprodução

O artigo do Senhor Dr. Otílio Figueiredo, em defesa do FOJO de Camilo, foi mandado imprimir pelo Eng.º Pedro Alvellos, para ser apresentado nas 1.as Jornadas Camilianas, a terem lugar, na cidade de Vila Real, no fim do corrente mês de Julho.

Representa uma opinião respeitável e pessoal de um enamorado pela obra do grande Mestre.

Mas o que importa destacar do escrito do jornalista, é o estilo apaixonado com que o eminente clínico trata deste assunto de palpitante interesse camiliano em 22 de Julho de 1972.

1 · 7 · 1984

Folheto "Vila Real não deve esquecer Camilo", artigo de Otílio Figueiredo, publicado em *A Voz de Trás-os-Montes*, Vila Real, 22 de Julho de 1972, edição do Eng.º Pedro Alvellos, Vila Real, 1 de Julho de 1984 (JC1)

I.as JORNADAS CAMILIANAS organizadas pelo Círculo de Estudos Camilianos

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE CULTURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA REAL

CAMILO E PATRÍCIA

OU

O DESCER DO PANO NO ÚLTIMO ACTO DUMA TRAGI-COMÉDIA AMOROSA CAMILIANA

CONTO

por PEDRO ALVELLOS

REGIÃO DE TURISMO DA SERRA DO MARÃO

JULHO
1984

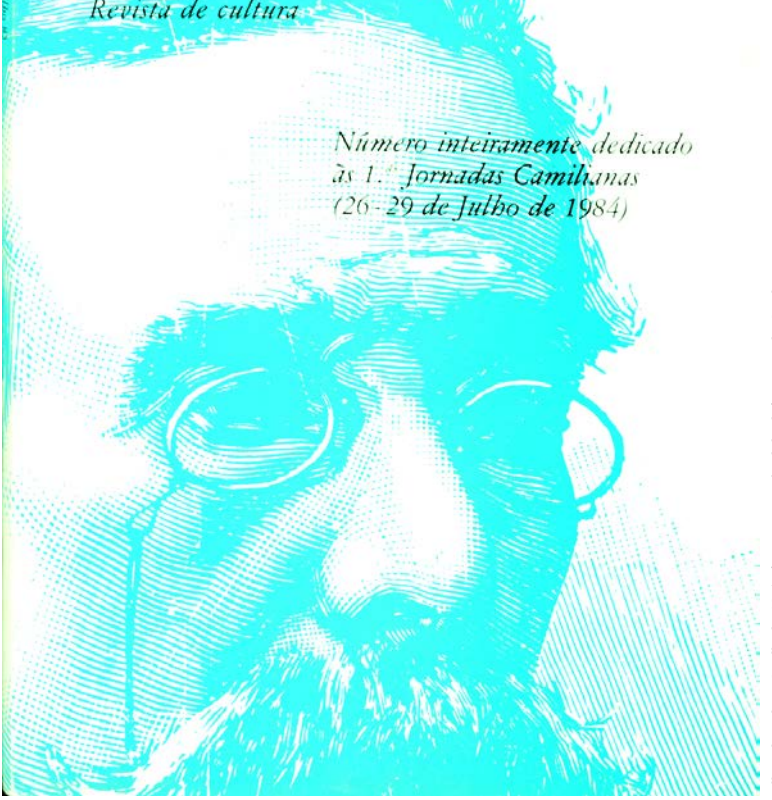
Pedro Alvellos, *Camilo e Patrícia ou O descer do pano no último acto de uma tragi-comédia amorosa camiliana*. Vila Real: edição de autor, Julho de 1984 | Edição policopiada (IC1)

Tellus

N.º 13
Julho 85

Revista de cultura

Número inteiramente dedicado às 1.ª Jornadas Camilianas (26-29 de Julho de 1984)



Tellus, Vila Real, nº 13, Julho de 1985 | Número inteiramenbte dedicado às 1.ª Jornadas Camilianas

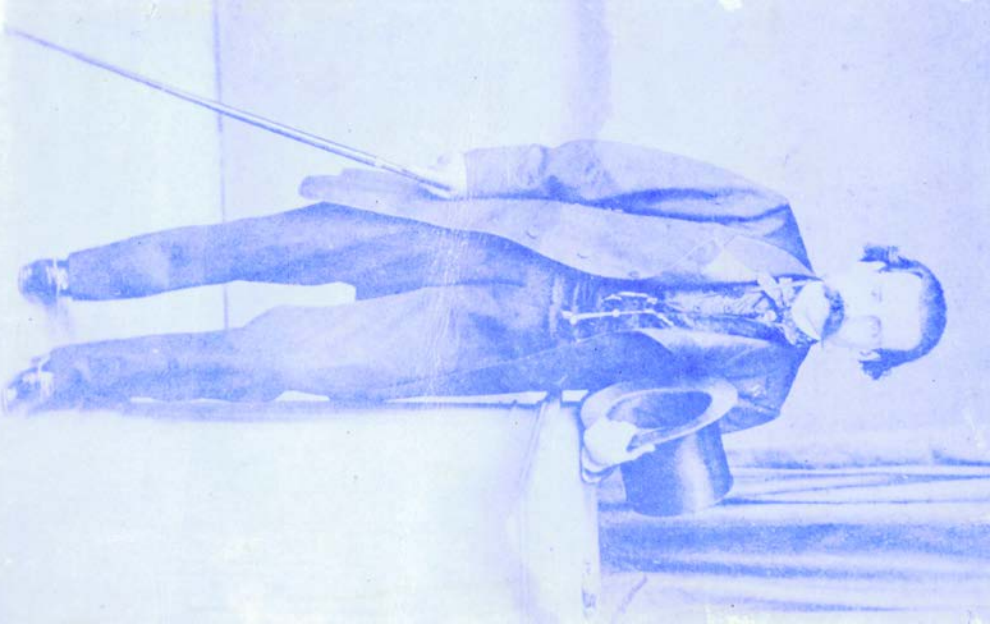
CAMILO E PATRÍCIA

(CONTO)

PEDRO ALVELLOS

REGIÃO DE TURISMO DA SERRA DO MARÃO/1984

Pedro Alvellos, *Camilo e Patrícia*. Vila Real: Região de Turismo da Serra do Marão, Dezembro de 1984



Pasta (JC2)

2.as JORNADAS CAMILIANAS

Vila Real, 25 a 28 de Julho de 1985

Círculo de Estudos Camilianos □ Serviços Municipais de Cultura □ Região de Turismo da Serra do Marão

Papel de notas (JC2)

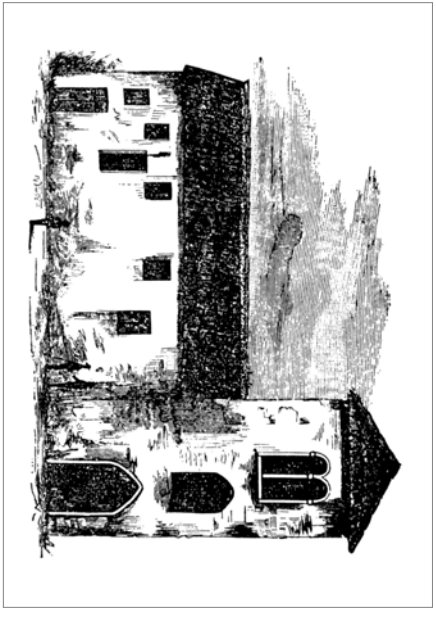
2.as JORNADAS CAMILIANAS

Vila Real, 25 a 28 de Julho de 1985

Círculo de Estudos Camilianos □ Serviços Municipais de Cultura □ Região de Turismo da Serra do Marão

Mensagem de Camilo (JC2)

Postal (JC2) | Camilo Castelo Branco visto por Vasco



Postal (JC2) | Teatro de Vila Real, onde foi representado pela primeira vez o *Agostinho de Ceuta*

AGOSTINHO DE CEUTA

DRAMA EM 4 PARTES

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

TYPOGRAFIA DE BRAGANÇA.

—

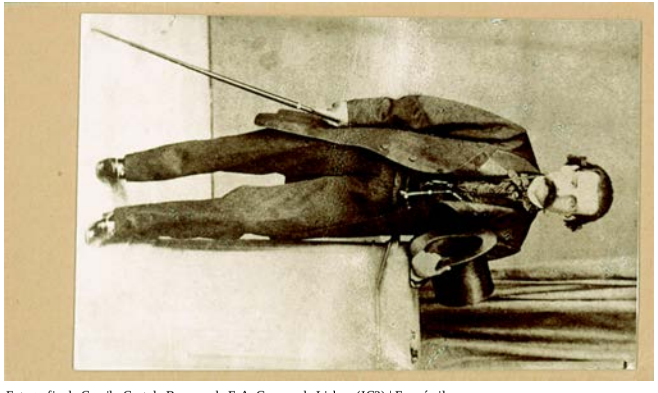
1857.

Postal (JC2) | Rosto da 1.ª edição do *Agostinho de Ceuta*

Camillo Castello Branco

S. Miguel de Seide

Cartão de visita (JC2) [Fac-símile



Fotografia de Camilo Castelo Branco, de F. A. Gomes, de Lisboa (JC2) | Fac-símile

F. A. GOMES

PHOTOGRAPHO

DE

SUAS MAGESTADES

LISBOA

2.as Jornadas Camilianas
Vila Real, 25 a 28 de Julho de 1985

Réplica feita em Gestaçô de uma bengala de Camilo Castelo Branco (JC2)

Canivete de Palaçoulo (JC2)

Tellus

N.º 14
Março 86

Revista de cultura

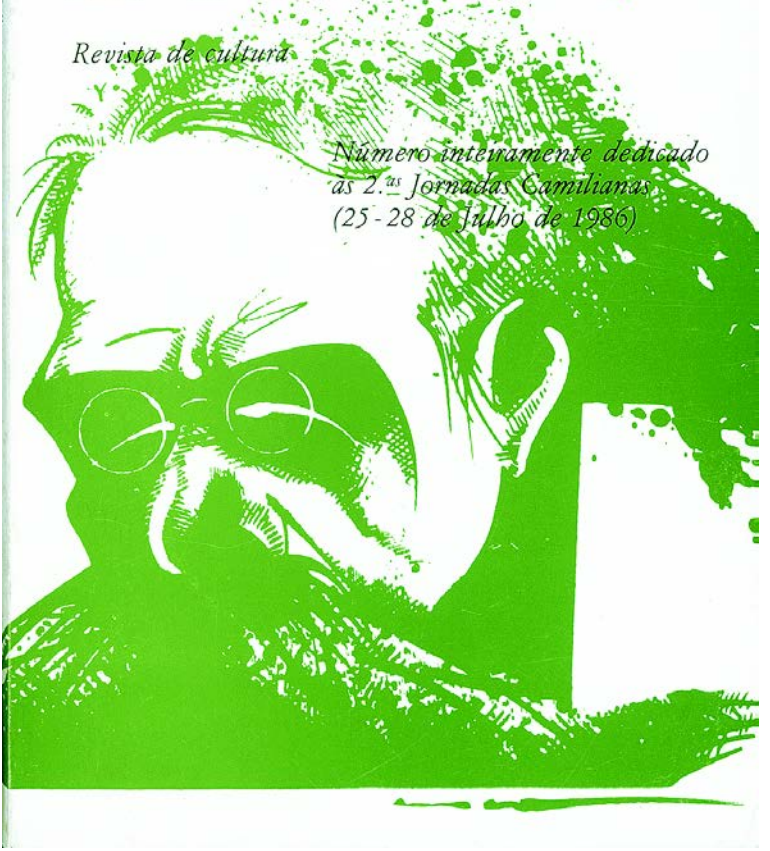
Tellus, Vila Real, n.º 14, pp. 69 e 70, Março de 1986

Tellus

N.º 15
Julho 86

Revista de cultura

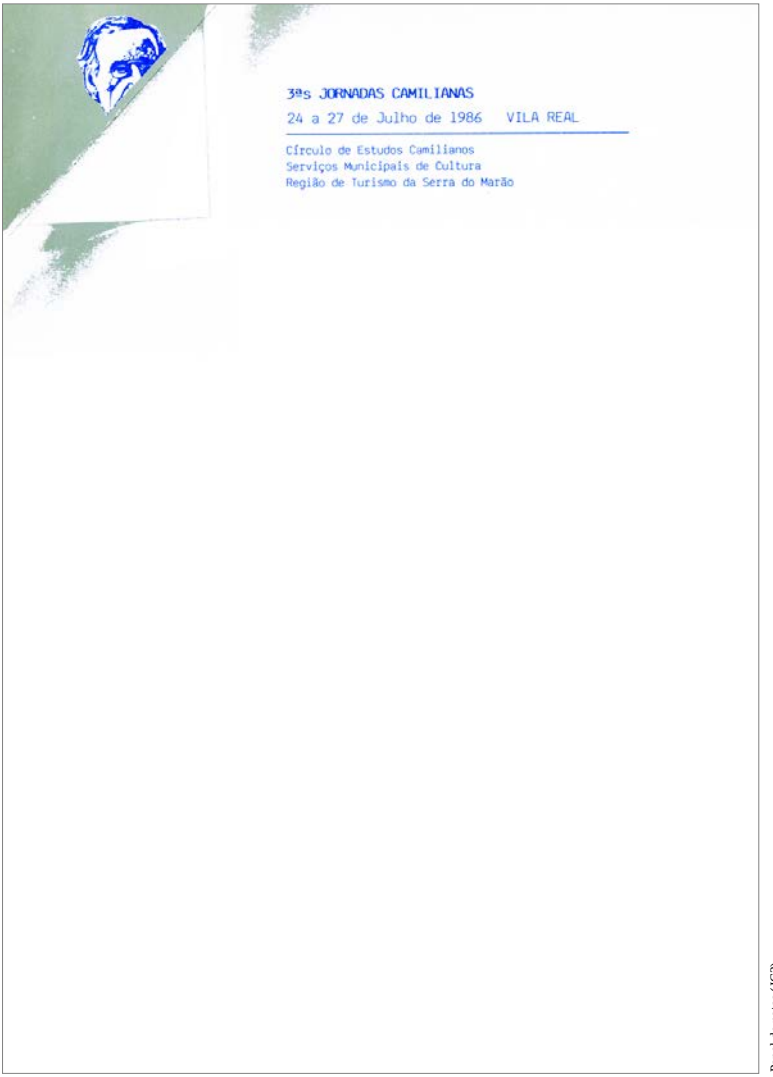
Número inteiramente dedicado às 2.as Jornadas Camilianas (25 - 28 de Julho de 1986)



Tellus, Vila Real, n.º 15, Julho de 1986 | Número inteiramente dedicado às 2.as Jornadas Camilianas

3as Jornadas Camilianas / 1986

Pasta (JC3)

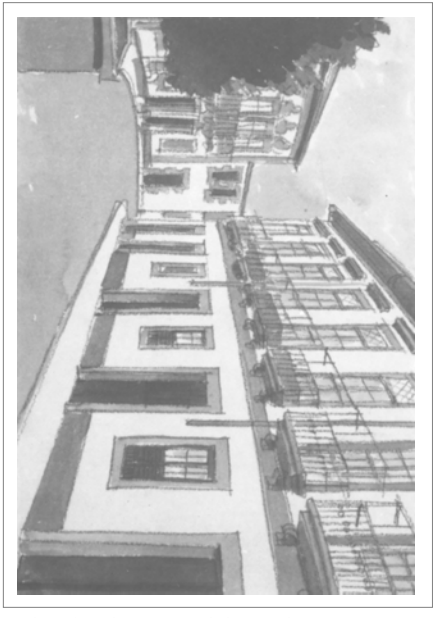


3ªs JORNADAS CAMILIANAS

24 a 27 de Julho de 1986 VILA REAL

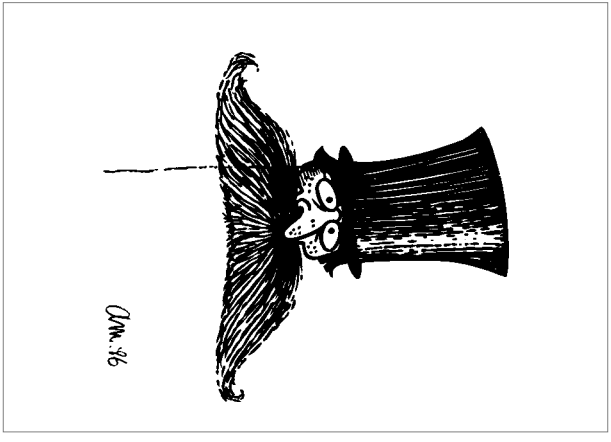
Círculo de Estudos Camilianos
Serviços Municipais de Cultura
Região de Turismo da Serra do Marão

Papel de notas (JC3)



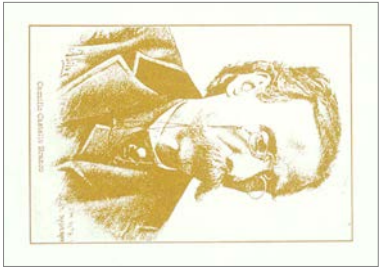
Postal (JC3) | Casa dos Brocas, aguarela de Victor Ribeiro

Postal (JC3) | Jazigo do Cemitério do Carmo, aguarela de Victor Ribeiro



Postal (JC3) | Camilo Castelo Branco visto por AM

Autocolante com retrato de Camilo (JC3)



Autocolante com retrato de Camilo (JC3)

MALA POSTA.

N.º 1 Dia 25

Jornal de Bordo das 3.as Jornadas Camilianas.

Editorial

Responda-nos quem souber que raio de agravo terão feito as Jornadas Camilianas ao Jornal de Letras, para este fazer cair uma tão espessa cortina de silêncio sobre as mesmas. Recorda-se algum dos prezados jornadeantes de ter desacatado o jornal? Procurem bem nos escaninhos da memória: alguma palavra impensada, algum juízo irreflectido que melindrasse o director ou o corpo redactorial? Terão alguma vez deixado escapar alguma crítica leviana à Prova dos Novos ou ao Debate-Papo?

Metam bem a mão na consciência. A gente dos jornais é muito susceptível, e a dos jornais culturais mais do que nenhuma. E, se toparem coisa de que se penitenciar, vão de corda ao pescoço ao dr. Vasconcelos, Como Egas Moniz ao rei de Leão, bater no peito contrito tantos 'mea culpa' quantos forem necessários para obter perdão. A ver se, dessa forma, o Jornal de Letras deita, lá dos olímpicos talefes onde se alcandora, um olhar sobre a alegria destas jornadas.

A organização, por sua parte, já desistiu de entender. Fez-lhe chegar convite para se fazer representar por um jornalista, com despesas pagas. Enviou-lhe alguns pedidos de divulgação - o último dos quais em carta registada com aviso de recepção. O Jornal de Letras - nicles. Dir-se-ía que, quando ouve falar de Camilo Castelo Branco, se não puxa propriamente da pistola, pergunta: "Camilo quê?"

A organização lava daí as suas mãos. Possa o Jornal de Letras, com a mesma tranquilidade, lavar daí a sua consciência.

O Dia-a-dia

ONTEM

Os Condes de Vila Real franquearam ontem os seus salões aos participantes nas 3as Jornadas Camilianas, para um sarau à boa maneira romântica.

Estiveram presentes as prendadas e gráceis meninas Palmira Claro e Natércia Teixeira de Magalhães, formosos rebentos respectivamente do Sr. Rodrigo Claro, abastado e benquisto comerciante da nossa praça, e do Sr. Augusto Carlos de Magalhães, ilustrado Administrador do Concelho. Esteve também presente o mimoso vate Sr. Venceslau Botelho, insigne ornamento da nossa sociedade, que recitou uma maviosa poesia de seu lavor, intitulada "A ribeira de Tourinhas", tendo sido muito cumprimentado no final pelas pessoas que concorreram ao evento.

Igualmente cumprimentadas foram as gentis meninas, que cantaram e recitaram algumas das mais formosas composições dos nossos melhores bardos.

No final, houve jogos de prendas, que contemplaram alguns dos convivas. Particularmente satisfeito com a sua sorte estava o Padre Manuel Simões, a quem tocou um retrato de Camilo devidamente emoldurado. Também o Sr. José Carodoso rejubilou com o par de brincos atibuído.

À hora de fecharmos esta edição, ainda alguns congressistas noctívagos andavam à cata de discoteca ou bar onde pudessem prolongar as delícias do sarau romântico da maneira cândida que todos imaginamos.

HOJE

As Jornadas abrem com uma breve cerimónia, em que usarão da palavra o Presidente da Comissão Regional de Turismo, Elísio Neves, e o Presidente da Câmara, dr. Armando Moreira. Ao longo do dia apresentarão comunicações Aníbal Pinto de Castro, Cristina Ribeiro, Manuel Simões, Mª Lurdes Ferraz e António Cabral. Mas o ponto alto será a intervenção do Prof. Radulescu, sobre a qual a expectativa é enorme. Radulescu é professor de Literaturas Ibéricas na Universidade de Bucareste, onde nasceu em Junho de 1927, e desde 1983 que se dedica exclusivamente ao estudo da Literatura Portuguesa e a Camilo em especial. Alguns artigos na imprensa especializada anunciavam já o arrojo das suas teses; mas só agora surge com uma proposta de leitura dialéctica de Camilo, o que vai decerto revolucionar os estudos camilianos.

À noite, a Companhia de Teatro de Almada apresenta "A Queda dum Anjo", na sala-estúdio do TET.

Mala Posta. Jornal de bordo das 3.as Jornadas Camilianas, Vila Real, n.º 1, 25 de Julho de 1986 (JC3)

MALA POSTA.

N.º2 Dia 26

Jornal de Bordo das 3.as Jornadas Camilianas.

Editorial

Ainda não estamos refeitos, todos os que nos juntámos aqui, do trágico acontecimento que ensombrou o fim da tarde de ontem. Não é medo - não julguem - o sentimento que nos domina: é indignação pela desfaçatez desse bando irresponsável que se autodenomina Brigada JL.

Que a muita gente causa espécie o respirar-se cultura na província (paisagem, dizem eles), já o sabíamos; agora que essa gente fosse capaz de se mancomunar em grupo organizado, isso nunca o suporíamos.

O infeliz professor Calistrat Radulescu foi vítima inocente dos energúmenos. Sabe Deus por que provações estará passando, em paga do seu amor por Camilo e da sua crença na descentralização cultural. Mas, seja onde for que se encontre e sejam quais forem as torturas que lhe inflijam, saiba que estamos sofrendo com ele e que a melhor maneira que encontramos de lhe honrar o martírio é não cedermos a chantagens desta natureza.

Saiba também a Brigada que não é com acções terroristas deste calibre que nos intimida. Como se vê, as Jornadas prosseguem placidamente; nenhum das ameaçados no comunicado de ontem pestanejou sequer. Continuaremos, com soberano desprezo por tais ideologias e tais métodos, o nosso trabalho sereno e profícuo - enquanto a polícia (porque é um banal caso de polícia) investiga. E, quando finalmente a quadrilha for desmantelada e o professor liberto (oxalá ainda a tempo de apresentar o seu livro e proferir a sua palestra), será indiferença, e só indiferença, o que nos restará do detestável caso.

E para o ano, querendo Deus e querendo ou não a Brigada, cá estaremos de novo a afirmar que, contrariamente ao que alguns pensam, Vila Real não é só paisagem.

Coragem, professor!

O Dia-a-dia

ONTEM

Depois de um dia normal de trabalho, em que tudo estava a decorrer de acordo com o estabelecido, nada fazia prever a consternação que se veio a abater sobre as Jornadas ao fim da tarde. Na verdade, quando os congressistas esperavam com impaciência a chegada do Prof. Radulescu, que vinha enriquecer o já rico conteúdo das Jornadas com a sua mensagem revolucionária (sem e com conotações políticas) - eis que, em seu lugar, um comunicado frio e brutal nos anuncia o seu rapto e promete sevícias sobre outros congressistas igualmente inocentes e indefesos. Foi então que se viram lágrimas nos olhos de Aurélia Stamate, que se preparava para desenferrujar o seu romeno e rever uma amiga, secretária do Professor, que há longos anos não vê. Em alguns rostos perpassou um ricto de inquietação. Mas breve se recompuseram todos da estupefacção e, sem uma voz discordante, conclamaram a sua determinação de prosseguir as Jornadas, não cedendo à chantagem.

Entretanto a Polícia investiga e, segundo julgamos poder informar em primeira mão, dispõe já de algumas pistas não despiciendas, que não revelamos para não prejudicar as investigações.

Em tudo o mais o dia correu bem, desde as comunicações (excelentes todas) à sua discussão (animadíssima), desde a mesa-redonda à noite de teatro - com o senão de esta começar com meia hora de atraso devido à rigorosa dieta com que os palestrantes e mesários do dia estiveram entretendo a debilidade no **Espadeiro**.

A propósito da mesa-redonda, saúde-se o facto de ter sido constituído o grupo de trabalho que há-de levar a cabo a Antologia Camiliana para o centenário. O grupo vai reunir ainda no decurso destas Jornadas, para distribuição de pelouros e tarefas. Oxalá resulte. Que às vezes isto de grupos...

HOJE

Para além de comunicações de Mª Alzira Seixo, Bigotte Chorão e, eventualmente, Xela Arias (a tradutora para galego do **Amor de Perdição**, cuja demora em chegar estamos já tentados a atribuir à ignóbil brigada), e da mesa-redonda (que se espera não seja bicuda) sobre o Acordo Ortográfico, de que Bernardette Herdeiro moderará com mão senhora as eventuais veleidades de imoderação, há a viagem ao Douro. S. Martinho de Anta (v. Miguel Torga), Quinta do Noval (primeira refrescadela de garganta), Régua (descerramento da placa em casa de João de Araújo Correia) e Cockburn (jantar bem merecido) são as etapas principais. Oxalá a viagem corra sem sobressaltos. Que às vezes isto de viagens...

Traje à vontade (permitido o **bikini**) e garganta afinada

Mala Posta. Jornal de bordo das 3.as Jornadas Camilianas, Vila Real, n.º 2, 26 de Julho de 1986 (JC3)

MALA POSTA.

N.º 3 Dia 27

Jornal de Bordo das 3.as Jornadas Camilianas.

Editorial

Estão a chegar ao fim as 3as Jornadas Camilianas. É tempo talvez de fazer um breve balanço, provisório e prematuro ainda, mas nem por isso inoportuno.

Comecemos pelo lado negativo: o rapto do professor Radulescu. Pois bem: nefasto e negativo que foi, ainda assim teve o seu lado positivo: uniu-nos ainda mais nesta nossa determinação de estudar Camilo fora de Lisboa. O golpe visava, ao que supomos, empolgar o centenário da morte do Romancista para a capital; mas nós estamos atentos e fazemos questão de que a Brigada o saiba.

De resto, tudo, a bem dizer, foi positivo: lançou-se mais alguma luz sobre a obra e a vida de Camilo, com teses oportunas e oportunos debates; estabeleceram-se bases mínimas para a tal Antologia Camiliana que tanto tarda; discutiu-se com serenidade o acordo ortográfico; honrou-se a memória, já de si honrada, de João de Araújo Correia, camilianista de cepa e escritor cimeiro do Douro.

Para além disso, e não menos importante em nossa opinião, soube-se sempre juntar ao prato de sustância do estudo sério o sal da alegria; riu-se, jogou-se, bebeu-se, passeou-se, numa palavra: conviveu-se. Cimentaram-se amizades; outras nasceram.

E quando, mais logo, aí pelas duas ou três da tarde, for **cada mocho a seu soito** (perdoarão a irreverência da metáfora, pedida de empréstimo à paremiologia popular), haverá emoção nos abraços e nos apertos de mão.

Que mais se podia desejar?

O Dia-a-dia

ONTEM

Se bem que a lembrança do infeliz Prof. Radulescu nos continue a pungir, o dia de ontem decorreu com relativa normalidade. O acordo ortográfico deu o que se esperava: toda a gente está de acordo que este acordo - **não!**

Mas, após tão árduos trabalhos, a tarde de ontem foi de folia, na região do Douro. Na Quinta do Noval, uma golada de branco seco, para acolitar as estupendas amêndoas e azeitonas. Na Régua, a cerimónia simples mas tocante de homenagem a J. de Araújo Correia. Na Cockburn - bem, aí é que foi o fim. Estimulados pelo calor e pelos cânticos guerreiros, os congressistas atiraram-se com unhas e dentes a uma soberba merenda, após o que, barriga compsta, romperam nos mais desnalgados sapateados e garganteios que jamais ali se ouviram. Muito notada a elegância com que Pinto de Castro se atirava ao ar nas voltas do vira e ia arrebentando uma após outra as temerárias parceiras de baile. Notada também a fibra fadista de Alzira Seixo, já refeita de uma quebra de tensão que apenas sucumbiu a uma pazada da sal; mas, briosa embora, foi presa fácil para as manhas desgarradísticas de P. de Castro, verdadeiro homem-orquestra

De lamentar o acidente, quase testemunhado, em que perdeu a vida o desafortunado Barão de Forrester e que - há males que vêm por bem - acabou por render uma garrafa do fino a cada.

HOJE. Encerram hoje as Jornadas, com descosido pranto da generalidade dos camilianistas. Embora a Organização tenha conhecimento de um movimento que reivindica a continuação das mesmas por mais uma semana, é forçada a fazer ouvidos de mercador, por motivos estritamente orçamentais. Para o ano há mais.

DISTÚRBIOS DESONESTOS. Recebemos ontem queixa sobre os arremessos lúbricos do abade Justino e Morgada de Travanca, ameaçando algumas virtudes. Podemos hoje com satisfação anunciar que o valoroso corpo da Guarda Municipal logrou deitar a mão às libidinosas criaturas e fazê-las ir curtir os arroubos nos calabouços do mesmo corpo (da Guarda Municipal, naturalmente).

ÚLTIMA HORA. A Brigada JL acaba de capitular, rendendo-se finalmente à Polícia e entregando o refém, que, de alegria, saiu do cativeiro cantando com sotaque romeno: "Quem me rouba, quem me rouba / Quem me rouba é ladrão. / Ai, ai, ai, inda ontem fui roubado / Ai, ai, ai, nas voltinhas do Marão!"

ANÚNCIO

COMPOSTURA. Perdeu-se ontem nos armazéns da Cockburn. Pede-se a quem encontrar o favor de devolver com urgência a qualquer dos congressistas lá presentes. Dão-se alviçaras ou alviçaras, consoante o achador seja pró ou contra o acordo ortográfico.

Mala Posta. Jornal de bordo das 3.as Jornadas Camilianas, Vila Real, n.º 3, 27 de Julho de 1986 (JC3)

BRIGADA J.L.
JORNADAS EM LISBOA

A BRIGADA JL está em luta pela realização exclusiva de Jornadas, Encontros, Congressos e Ceminários em Lisboa, que é manifestamente a única parte do País que não é paizagem.

Para atingir-mos os nossos objetivos, acabamos de raptar o profe rumeno. Para o libertar hesijimos dos organisadores e partecipantes nas Jornadas Camelianas o seguinte:

1) Adezão inequivoca ao principio de que todas as letras, artes e ideias debem florecer esclusivamente em Lisboa, e consecoente enserramento imediato das Jornadas Camilianas.

2) Auto de fé de todas as comonicações e demais decomentos das Jornadas de frente da Casa dos Brocas.

3) Romagem com depozição de flores aos tumulos de José Cabral Teixeira de Morais e da tia Rita Emilia.

4) Autocritica na praça publica dos palestrantes, por terem aceitado partecipar num acontecimento de indole cultural fora de Lisboa.

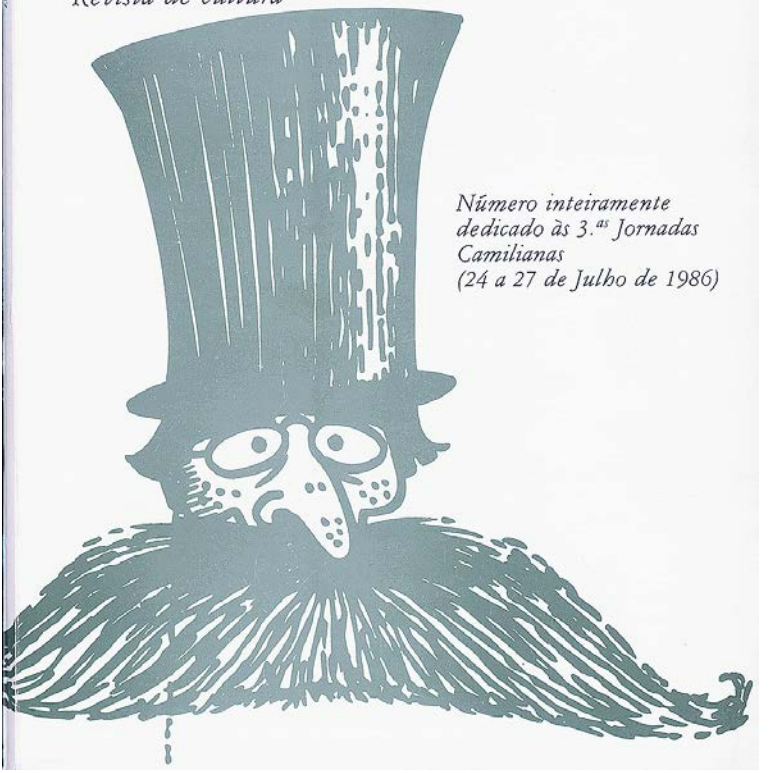
5) Adezão pronta e incondicional ao acordo ortografico.

%%%

Tellus

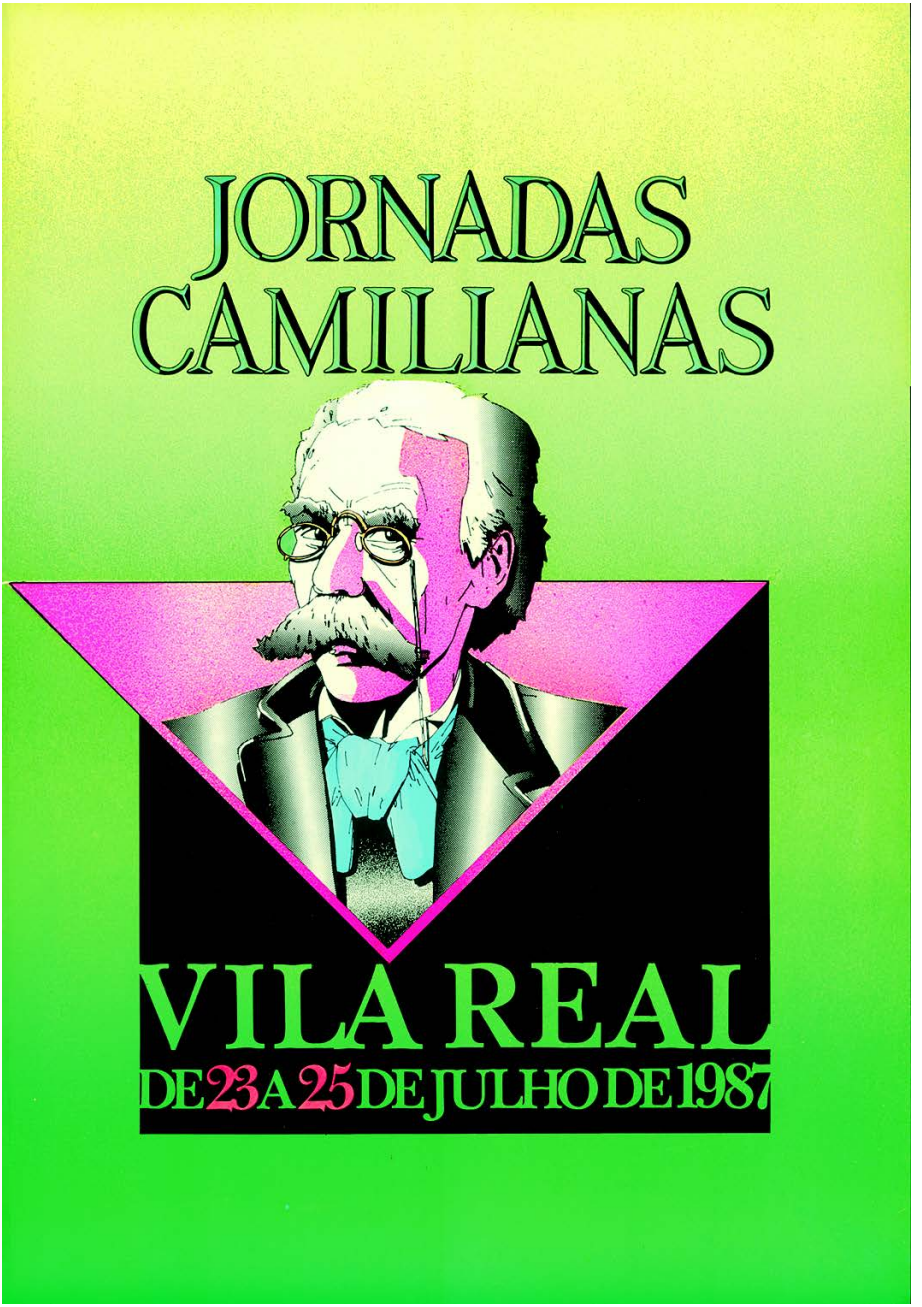
N.º 17
Julho 87

Revista de cultura

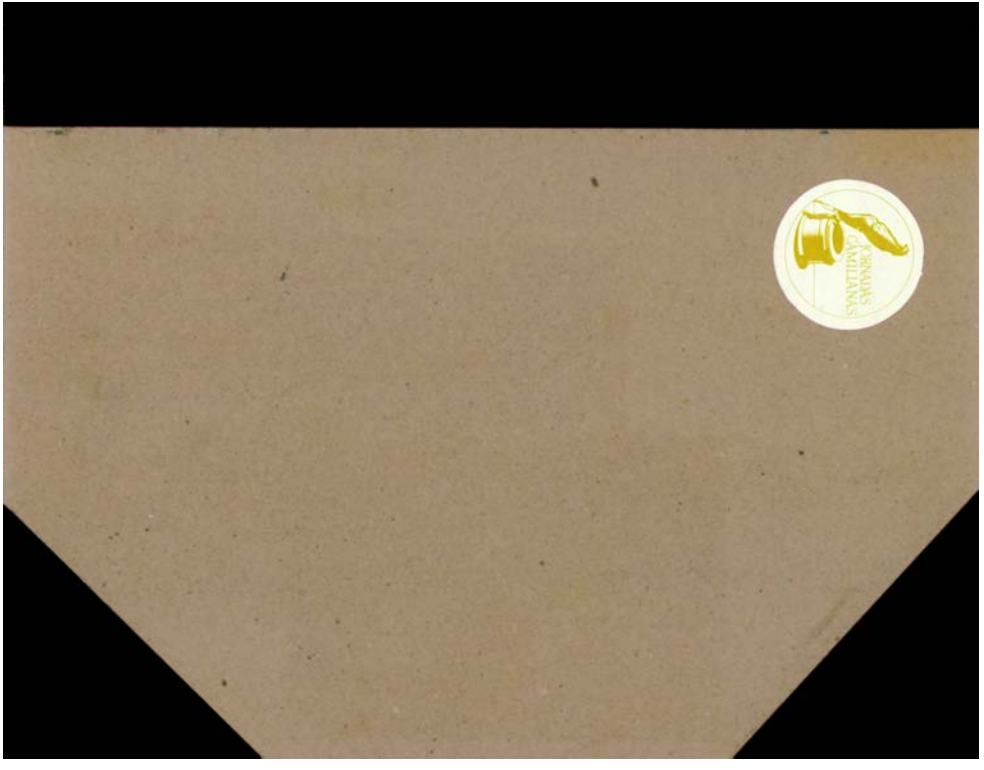


Número inteiramente dedicado às 3.as Jornadas Camilianas (24 a 27 de Julho de 1986)

Tellus, Vila Real, n.º 17, Julho de 1987 | Número inteiramente dedicado às 3.as Jornadas Camilianas



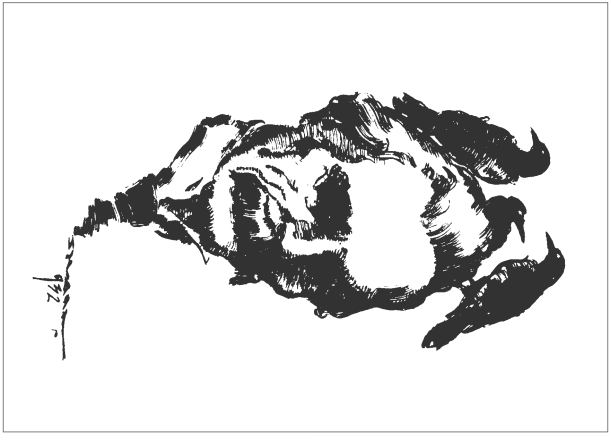
Cartaz da autoria de Henrique Manuel (JC4)



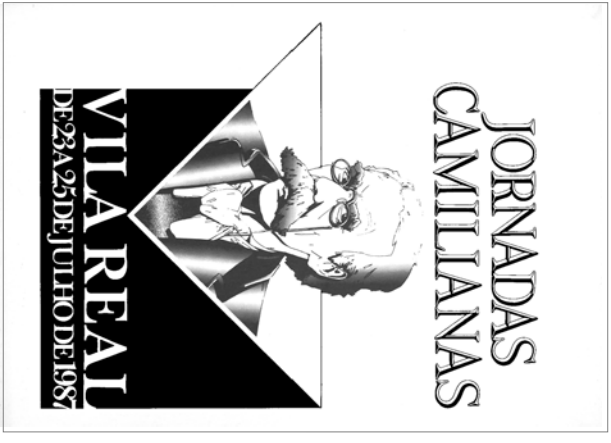
Pasta (JC4)

JORNADAS
CAMILIANAS

Papel de notas (IC4)



Postal (JC4) | Camilo Castelo Branco visto por Stuart



Postal (JC4) | Reprodução do cartaz das 4.as Jornadas Camilianas

Postal (JC4) | Camilo Castelo Branco visto por Vasco

MALA POSTA.

N.º 1 Dia 23

Jornal de Bordo das 4.ª Jornadas Camilianas

Editorial

Jamais avião algum, em parte alguma do mundo civilizado, terá voado com semelhante lastro de saber camiliano como o pacato **Twin Otter** da LAR, que pelas 15h00 de ontem aterrou no aeródromo municipal de Vila Real.

E ainda não viajava nele Aníbal Pinto de Castro. Porque se viajasse - dado que o avião lograsse levantar voo - então é que não havia mesmo dúvidas.

Mas Pinto de Castro não vinha a bordo. Compromissos anteriores levaram-no aos Brasis, e Camões prevaleceu sobre Camilo. Mas o nosso querido Amigo e Companheiro, ainda assim, enviou uma simpática mensagem em carta à Organização. Transcrevemos:

"Quase de pé no estribo para seguir rumo a S. Paulo, venho pedir-lhe que saúde por mim todos os Amigos participantes nessas 4ªs Jornadas Camilianas e diga-lhes em primeiro lugar dos meus votos por que elas ultrapassem (se é que isso é possível!) o êxito das anteriores; depois, da minha pena por não vos poder acompanhar desta vez.

"Creia - e creiam todos - que me seria muito mais agradável partilhar convosco dos prazeres do são convívio intelectual e humano que a obra de Camilo hoje continua a propiciar, do que suportar os incómodos da viagem, trocando os ares lavados de Vila Real pela confusão babilónica daquilo em se transformou a cidade de Anchieta! (...) Mas assim tem de ser desta vez. Estou a ver o próprio Camilo a dizer por entre os bigodes caídos: 'Vai lá, lente de uma figa, porque se não defendes Camões ferro contigo no **Cancioneiro Alegre!**'"

Recado dado, Amigo. Mas, para o próximo ano, não o dispensamos...

O Dia-a-dia

As 4ªs Jornadas Camilianas iniciaram-se sob o signo da aviação comercial. Camilo apareceu-nos disfarçado de comissário de Bordo, a dar, com um sorriso sardónico, as boas vindas a bordo deste voo louco. Instruções orais e escritas foram fornecidas aos passageiros, perdão, aos Congressistas, para o caso de a erudição ser tanta que tenham de evacuar a sala. E não faltava mesmo o saco para vomitar em caso de turbulências intoleráveis.

A cobiçada imagem de Camilo foi sorteada. A mão imparcial do Padre Manuel Simões extraiu do tacho de Bisalhães o bilhete contemplado: o 49. Trata-se de Maria Isabel Lito que ficou felicíssima com a sua boa sorte, felicidade que esmoreceria um tanto, a avaliar pela progressiva amarelidão do sorriso, quando tomou conhecimento de que a imagem lhe seria entregue numa mala com um metro e oitenta de comprimento.

Em matéria de comunicações, escutou-se J. Bigotte Chorão (**Camilo e Unamuno**) e Luiz Fagundes Duarte (**Dois traços do espontâneo**). Bigotte Chorão, como vem sendo hábito, apresentou uma comunicação que é simultaneamente trabalho de estudioso e de escritor. Fagundes Duarte dissertou, a pretexto de quatro cartas inéditas (que Alexandre Cabral gravemente autorizou), sobre borrões, genotextos e fenotextos. O Secretariado está a considerar seriamente atribuir um prémio a Luiz Fagundes Duarte por ter, pela primeira vez em quatro anos de Jornadas (!), feito uso do quadro negro.

O jantar, no **Nevada**, foi pretexto para uma primeira concertação de vozes, que não havia sido inteiramente possível durante os trabalhos... Mas a abstenção glótica ainda foi, por enquanto, maior do que a das legislativas. Espera-se que, com o andar das Jornadas, algumas gargantas mais renitentes adiram ao espírito coral das ditas Jornadas.

O café (e um rico generoso) tomou-se no **Alemão**, onde os Congressistas tiveram ocasião de ver ao vivo como Camilo foi, na juventude, caixa de ressonância das já de si sonoras proclamações do Padre Casimiro e, na idade madura, o manda calar "por honra de Deus, padre, se o acredita!" Incoerência? Ora! Vá-se lá pedir coerência a um génio daqueles...

ÚLTIMA HORA - À nossa mesa de redacção chegou entretanto um telegrama de Maria Bernardette Herdeiro, que transcrevemos sem comentários: "Lamentando não poder estar presente, desejo os maiores êxitos. A todos os participantes recados e saudações camilianas

MALA POSTA.

N.º 2 Dia 24

Jornal de Bordo das 4.ª Jornadas Camilianas

Editorial

A manifestação hostil com que alguns adeptos de Eça de Queirós, cantando e vociferando **slogans** sectários e pouco amistosos, afrontaram ontem os participantes nas Jornadas Camilianas foi um dos acontecimentos que, por inesperado, mais funda impressão terá causado nos pacíficos camilianistas.

E permite-nos algumas reflexões, que aliás pouco mais poderão ser do que uma paráfrase, quando não - e pior... - um plágio, das que João de Araújo Correia tinha já feito na sua crónica **Dois clubes literários**, texto que (nem de propósito!) tínhamos para distribuir na ocasião.

Será, pois, que é necessário ser-se contra uma coisa ou uma ideia quando se é a favor de outra? Será que não podemos afirmar as nossas opções sem negarmos as dos outros? Será que Camilo e Eça são assim tão incompatíveis que obriguem os seus apreciadores a radicalizar-se em seitas? Pode a Literatura deixar-se reduzir a um maniqueísmo assim doentio?

Nós, camilianistas destas Jornadas, sabemos bem que não. Muitos de nós nutrem uma admiração idêntica pelo **pobre homem da Póvoa** e pelo **torturado de Ceide**; dedicam a um e outro igual atenção; e, da mesma forma que estão aqui a estudar Camilo, podiam estar algures a estudar Eça.

Não o entendem assim os energúmenos de ontem. E continuarão a hostilizar não aquilo em que acreditam ou de que gostam - equipa de futebol ou partido político - pelo simples facto de não coincidir com aquilo de que gostam ou em que acreditam.

Patético, não?

O Dia-a-dia

Começou com algum atraso (não obstante termos encomendado expressamente algumas camionetas para, com o seu ronco suave, acordarem a tempo e horas os Congressistas) e decorreu morna a primeira parte da sessão de trabalho. Mas eis que Maria Alzira Seixo, no limiar da sua intervenção, faz uma tremenda ameaça: ou a assistência levantava questões no final, ou ela fazia perguntas à assistência. Remédio santo: foi um "vê se te avias". Se Lourdes Ferraz não fechava as inscrições, ainda a esta hora lá estaríamos a pôr questões. Não há como uma boa chicotada psicológica no momento certo...

Mas o destaque do dia vai para o passeio ao Fojo do Lobo. Com um único senão: junto ao futuro Arquivo Distrital, após a aquisição de algumas recordações de Camilo (uns fios do bigode, um retalho de umas calças e uma lasca do cacete com que o **Olhos-de-Boi** o mimoseou), tivemos o dissabor do confronto com a **manif** pró-Eça (ver editorial). Mas depois tudo correria bem, a começar pela Sogrape, justamente quando a sede se ia instalando. Aí se viram algumas gargantas ditas abstémias fazer justiça ao Mateus (rosé e branco) , gentileza da gerência - aliás recompensada com alguns números corais sob a batuta austera e disciplinadora do Padre Manuel Simões.

Quanto ao Fojo, é **aquele** lugar. Não esperávamos lá mais do que uma plácida merenda à sombra dos vidoeiros. Mas eis que se ouve a maticada dos cães e o uivo dos lobos. E a cena das **Novelas do Minho** tem lugar ali, ao vivo, diante dos nossos olhos estupefactos: uma pobre ovelha tinhosa a furtar as voltas ao lobo mau, que, por fim, a fila nos dentes (e estamos em crer que havia ali muitos varões que não se lhes daria de ser lobos). Mas o lobo acabou por sucumbir ele mesmo à carga de um caçador, que aproveitou para contar uma história verídica de caça, aliás falsa como Judas e como todas as histórias de caça.

Após estes sanguinolentos sucessos, então sim, comeu-se (deliciosos os bolinhos de Santarém, Isabel Rodrigues), bebeu-se, cantou-se em coro e a solo em impiedosa desgarrada de que foi ganhador incontestável António Cabral), dançou-se o vira e, em homenagem aos lobos que naquele local foram massacrados pelos séculos fora, uivou-se comovidamente. Uivos muito concertados (mesmo sem a batuta do Padre Manuel Simões), dados com imensa convicção e energia, de tal forma que tremeram de medo as ovelhinhas que não estavam, elas próprias, entretidas a uivar: UUUUUUUUUUUUUUUUUUUU!

E,já agora: Camilo, amigo, o povo está contigo!

Mala Posta. Jornal de bordo das 4.as Jornadas Camilianas, Vila Real, n.º 2, 24 de Julho de 1987 (JC4)

MALA POSTA.

N.º 3 Dia 25

Jornal de Bordo das 4.as Jornadas Camilianas

Editorial

E vão quatro.

De facto, foi a quarta vez que se realizaram as Jornadas Camilianas, de que esta **Mala Posta** foi o pontual e fiel jornal de bordo.

Quatro edições não chegarão ainda, talvez, para se poder falar já de tradição e institucionalização.

Mas, se tivermos presente que a mairia das iniciativas congéneres se fica pela primeira, raramente pela segunda, e pela terceira só mesmo quando o rei faz anos, é caso para começarmos a acreditar que as Jornadas, como o tal automóvel japonês, vieram para ficar.

Ora, nada resiste à prova de fogo do rodar do tempo - e aqui é que bate o ponto, por muito que custe a admitir a alguns - se não tiver uma justificação **por dentro**, qualquer coisa de intrínseco e natural; ou, dizendo-o pela negativa, nada pode subsistir tanto tempo à custa de balões de oxigénio e outros artifícios que tais.

Fácil é pois concluir que as Jornadas são necessárias. E são necessárias porque Camilo é ele mesmo vivo, actual - e necessário.

Feito este racicínio (cujas premissas os Senhores Lógicos talvez não autorizem, nem a conclusão, o que não importa: os Senhores Lógicos enganam-se muito em questões de Literatura...), sentimos que devemos prosseguir, pelos anos fora, a contribuir este cisquinho para o estudo de Camilo.

Razão por que - contem connosco em 1988!

Elísio Neves
Pires Cabral

O Dia-a-dia

ESCLARECIMENTO

Têm chegado até nós eco de algumas perplexidades e dúvidas sobre a autenticidade das relíquias camilianas ontem vendidas aos senhores Congressistas. Tais dúvidas e perplexidades, porque redundam em desdouro do honrado e benquisto comerciante local que procedeu à venda, exigem um pronto esclarecimento.

Assim, quanto aos fios do bigode, foram adquiridos a Damião Lima, sobrinho-neto e herdeiro universal de Domingos Pita Lima, barbeiro privativo de Camilo (não é verdade, Alexandre Cabral?), que teve a premonição, rara naqueles tempos, de que as aparas capilares do Mestre haviam de ser devidamente valorizadas no futuro, e não permitiu que fossem varridas, antes as recolheu diligentemente e as legou depois, juntamente com trinta contos fortes, a seu sobrinho-neto, como parte mais substanciosa da legítima.

O retalho de tecido foi obtido por forma menos ortodoxa, de cujo véu foi ontem levemente levantada uma ponta, na merenda do Fojo do Lobo, e preferimos calar prudentemente aqui.

Quanto às lascas do porrete: Luís Beça Correia, administrador do concelho, que acompanhava Camilo na ocasião do espancamento, arrancou-o das mãos do facínora, na ideia de que viesse a servir de prova documental em possível julgamento. Esteve sempre na posse da família, que o cedeu a troco de choruda espórtula.

Assim temos pois que as relíquias não só são autênticas como foram baratíssimas.

E as Jornadas Camilianas vão chegando ao fim. A necessidade de fazer sair em tempo útil este nº 3 de **Mala-Posta** não nos permite avançar informações sobre o que se terá passado, para além de alguma eventual pega entre Alzira Seixo e António Cabral, sempre possível. Mas, se tudo se passou de acordo com o planeado, à hora de receberem esta edição, devem estar os Congressistas em plena cerimónia de instituição de uma Venerável Confraria, com leitura de proclamas, nomeação de juízes, imposição de insígnias, ritual adequado, etc. Camilo em pessoa é suposto presidir aís actos. Mas antes, os Congressistas devem ter passado pela final de um torneio de bisca, jogo que Camilo costumava jogar, quando não preferia jogar o pau, com os carvoeiros, nas estalagens do Mesio e do Alvão.

CAMILO AMIGO, O POVO ESTÁ CONTIGO!

MALA PÓSTUMA POSTA.

N.º 4 Dia 28

Jornal de Bordo das 4.ª Jornadas Camilianas

Editorial

Esther de Lemos limitou-se a usar os seus poderes mediúnicos na noite de 24 para 25 de Julho.

O soneto foi-lhe ditado pelo espírito ressablado de Camilo, com a sua desconfiança, toda dos **Brocas**, em relação às modernas nomenclaturas daquilo que, no seu tempo, ele designava o mais singelamente possível.

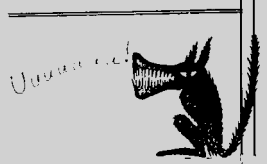
Para que conste, neste derradeiro número da **Mala-Posta** de 87, aí fica o celebrado soneto:

Já Camilo não sou! A Literatura
Meu estro foi parar, tornado esquema.
Primeiro foi o estilo, foi o tema,
Depois, foi a proposta de leitura.

Não tenho já novela nem poema:
Tudo é texto e contexto - sorte dura!
Antes ver-me aos bonecos no cinema
Do que ser reduzido a uma estrutura!

Hoje qualquer doutor - um salafrário! -
Ao Simão, às Tomásias, ao Macário,
A Teresa e quantos mais - só chama
/ actantes.

Caro Leitor, que és hoje um narratário,
Manda lá desse mundo um dicionário,
A ver se entendo a gíria dos tratantes!



O Dia-a-dia

DOIS DOCUMENTOS

Já após o termo da 4ªs Jornadas Camilianas, chegaram-nos às mãos dois documentos - um telegrama e uma carta - que nos pareceu adequado levar ao conhecimento dos participantes.

Um desses documentos - o telegrama - é perfeitamente sério, concorde-se ou não com ele. O outro - a carta - parece brincadeira de um dos nossos buliçosos redactores; mas não é, juramos que não é.

Aí ficam um e outro.

O telegrama:

Fazemos chegar protesto tradução galego macarrónico Amor Perdição Gravíssima agressão unidade língua galega portuguesa Presidente Irmandades Sala Associação Amizade Galiza Portugal Jornadas Ensino Ibéricas Associação Escritores Língua Galego Portuguesa Associação Socio-pedagógica Galaico-Portuguesa Intelectuais Galiza

Dras Fontenla e Paz Apartado 1036 Braga

E agora a carta:

Póvoa de Varzim 23/7/1987

Exmº Sr.
Presidente da
"Camara Municipal de Vila Real"

Exmº Sr.

Sobre a noticia no jornal 'o primeiro de Janeiro' as Iv Jornadas Camalanas (sic, como tudo o resto) que se vão realizar na Região de Turismo da Serra do Marão, onde se juntãm em colaboração alguns escritores que teem conhecimento das obras do nosso Camilo, pergunto a V. Exª. Algum escritor ou V. Exª tem conhecimento de umas cartas que ele escreveu depois de se ter suicidado? Se já teem, peço desculpa de os vir incomodar. Se não teem, basta participar-me para lhes enviar pelo correio as fotocópias dessas cartas.

Leonardo Graça da Mata
R. Tenente Valadim 74
4490 - Póvoa de Varzim

(Será coisa do Eça?)

MEMÓRIAS DA CAÇA

A. M. PIRES CABRAL

Vila Real, 1987

A.M. Pires Cabral, *Memórias da caça*.-Vila Real: Câmara Municipal de Vila Real, 1987 (1C4)

DOIS CLUBES LITERÁRIOS

JOÃO DE ARAÚJO CORREIA

Vila Real, 1987

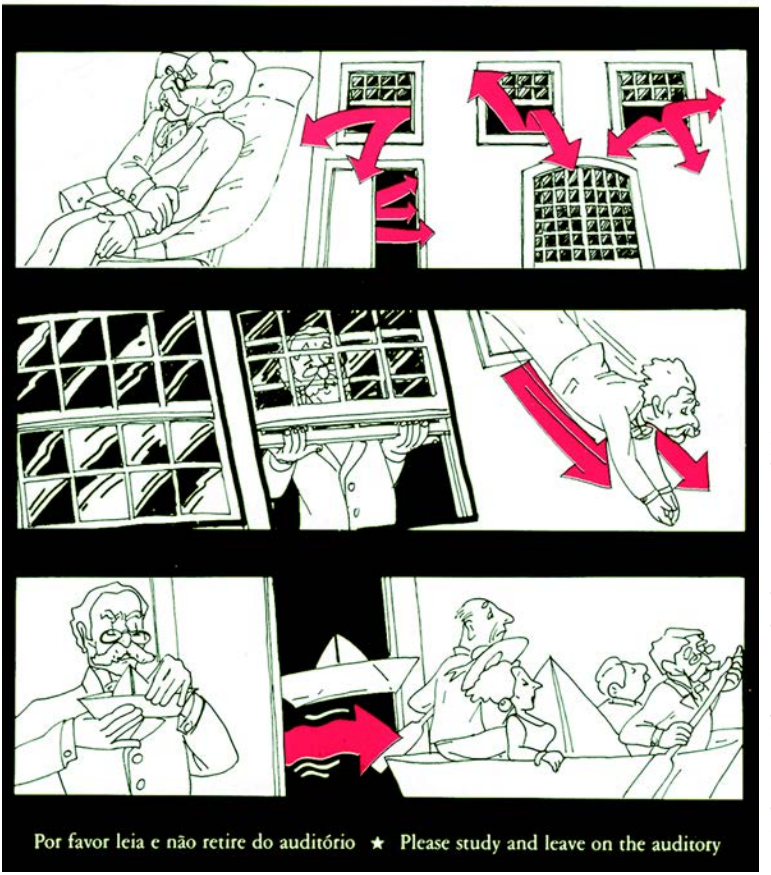
João de Araújo Correia, *Dois clubes literários*.-Vila Real: Câmara Municipal de Vila Real, 1987 (JC4)

JORNADAS CAMILIANAS

INSTRUÇÕES DE SEGURANÇA

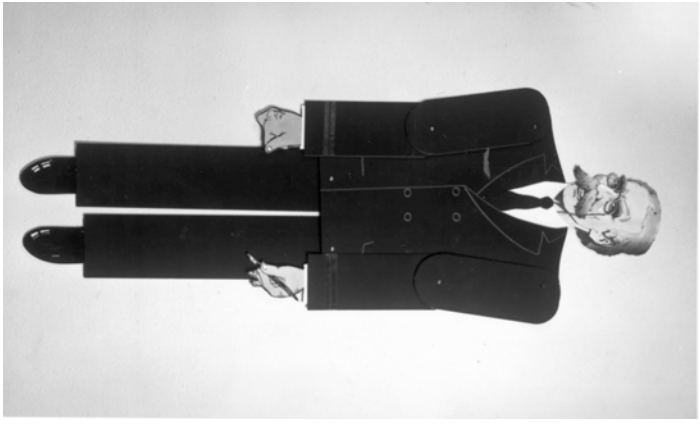
SAFETY INSTRUCTIONS

AUDITÓRIO DA
ASSEMBLEIA DISTRITAL
DE VILA REAL

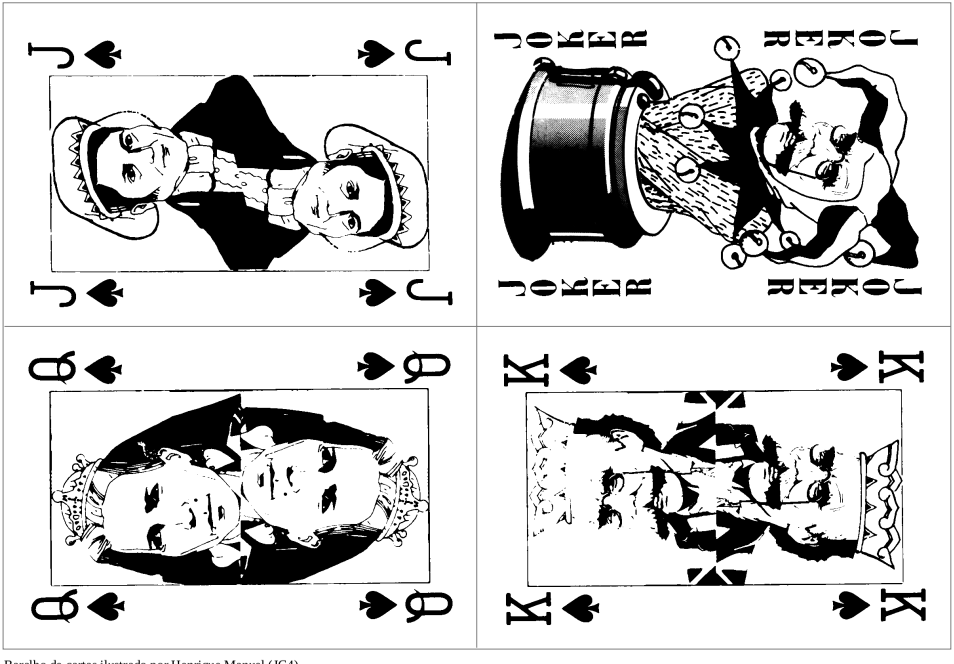


Por favor leia e não retire do auditório ★ Please study and leave on the auditory

Instruções de segurança / *Safety instructions* ilustradas por Henrique Manuel (IC4)



Fotografia de marioneta “Camilo assistente de bordo”, concebida por Henrique Manuel (JC4)



Baralho de cartas ilustrado por Henrique Manuel (JC4)

Registo de Camilo, formato pequeno (JC4)

Registo de Camilo, formato médio (JC4)

Registo de Camilo, formato grande (JC4)

Caixa com relíquias de Camilo Castelo Branco (JC4)

Insígnia da Venerável Confraria Camiliana (JC4)

Tellus

N.º 18
Julho 88

Revista de cultura

Número inteiramente dedicado às 4.as Jornadas Camilianas (23 a 25 de Julho 1987)

Tellus, Vila Real, n.º 18, Julho de 1988 | Número inteiramente dedicado às 4.as Jornadas Camilianas

MALA POSTA.

N.º 1 Dia 17 Julho 88

Jornal de Bordo das 5.ºs Jornadas Camilianas

ONTEM

Iniciaram-se ontem, dia 18, as 5ªs Jornadas Camilianas, com a distribuição de doculehntação. Depois, às 20h30 (horário um tanto apertado, mas imposto pelas circunstâncias), o Hotel Miracirgo teve a amabilidade de oferecer um café e um digestivo, antes de os Congressistas avançarem sobre o Teatro Real, para a ópera "O Barbeiro de Sevilha", muitos deles trauteando afoitamente um pavoroso e irreconhecível "Figaro cà, Figaro là" de fazer gelar o sangue nas veias.

Durante a recepção, tivemos o grato prazer de assistir à chegada do Illº Snr. Manuel Joaquim Correia Botelho, acompanhado de seus filhinhos Camilo e Carolina e ainda de uma governante que consta que governa algo mais do que o "ménage" do Snr. Correia Botelho. Este Snr. é pessoa de qualidade, que vem tomar posse do lugar de Correio-Assistente, para que foi nomeado por alvará régio. Consternados, verificámos que não havia hospedagem no Hotel para aquela simpática família, não restando ao Snr. Botelho outra solução que não fosse ir bater ao ferrolho de sua virtuosa mana, D. Rita Emília, cuja virtude anda aliás um tanto em fama com um conspícuo cavalheiro local.

HOJE

Hoje, dia 19, teremos o seminário sobre a vida de Camilo, orientado pelo veterano das Jornadas, Alexandre Cabral, que presentemente tem entre mãos, entre outros trabalhos, um estudo pormenorizadíssimo sobre os hábitos nocturnos de Pinheiro Alves que terão aberto o caminho para o adultério de Ana Plácido. Prometem-se revelações sensacionais. Pedimos a Alexandre Cabral desculpa pela inconfidência.

A meio da tarde, sairá o grupo a caminho do Alto das Muas, onde se procederá a uma prova das melhores águas da região. Desiludam-se os que viam na palavra "águas" metáfora para "vinhos". Este ano as Jornadas juraram sobriedade etílica.

No Alto das Muas proceder-se-á ao descerramento de uma lápide - mais uma... - a Camilo, que por ali terá dado "muitos tiros às galinholas e perdizes".

Para a viagem, recomenda-se o uso de máquina fotográfica, saco de vomitar e garganta afinadinha.

Vila Real, 18 a 21 de Julho de 1988

Mala Posta. Jornal de bordo das 5.as Jornadas Camilianas, Vila Real, n.º 1, 17 de Julho de 1988 (JC5)

MALA POSTA.

N.º 2 Dia 20 Julho

Jornal de Bordo das 5.ª Jornadas Camilianas

ONTEM

Tal como estava programado, teve lugar o seminário sobre a vida de Camilo, superiormente orientado por Alexandre (o Grande) Cabral. Uma das conclusões foi a de que talvez se justifique, em face do grande apreço em que é tida Ana Plácido, que no próximo ano se substituam as Jornadas Camilianas por umas Jornadas Placidianas. À atenção dos organizadores. (Seguem-se as assinaturas, devidamente reconhecidas).

Para além dos trabalhos do seminário, procedeu-se à abertura de uma exposição de caricaturas inéditas de Camilo, algumas de notável qualidade.

O momento desagradável do dia ocorreu quando os Congressistas quiseram candidamente colocar uma lápide a Camilo no Arquivo Distrital. O Doutor Manuel Simões tinha acabado de dar a brocadela inicial, quando surge um Camilo iracundo, que se insurgiu contra a homenagem e declarou aceitar como única homenagem a leitura das suas obras, o que deixou alguns participantes cheios de má consciência. Após o que, pura e simplesmente, deitou a lápide no caixote do lixo. Muito camiliano, sem dúvida.

Outro momento pungente foi aquele em que o pai de Camilo, flautista exímio, foi notificado por um oficial de diligências, em pleno arroubo musical, de que cessavam as suas funções de Correio-Assistente, "por fundadas suspeições de seguir as partes do usurpador infante D. Miguel". Ou de como os saneamentos políticos não são uma invenção da história recente do País.

Felizmente, para compensar estes dissabores, tiveram os Congressistas oportunidade de proceder a uma prova de águas no Alto das Muas. Águas miraculosas, diga-se para além de um efeito inesperado na compostura do grupo (efeito que deixou atónitos a Srª Wang, o seu marido , Sr. Lu, e o Sr. Frier), eram garantidas para a cura de fleimões, leicenços, impingens, terçolhos e outras nascidas, e ainda muito recomendadas para limpar as pratas.

HOJE

Hoje, 20 de Julho, será a vez de Bigotte Chorão orientar um seminário sobre a obra de Camilo - isto no caso de recuperar atempadamente do efeito das águas.

Ao fim da tarde, a Região de Turismo oferece um pôr-do-sol (astro que aliás tem andado singularmente posto, ao longo das Jornadas), a respeito do qual todas as expectativas, ainda as mais sombrias, são legítimas.

Vila Real, 18 a 21 de Julho de 1988

Mala Posta. Jornal de bordo das 5.ª Jornadas Camilianas, Vila Real, n.º 2, 20 de Julho de 1988 (IC5)

MALA POSTA.

N.º 3 Dia 21 de Julho

Jornal de Bordo das 5.ª Jornadas Camilianas

ONTEM

Espectacularmente recuperadas da tenebrosa prova de águas, os Congressistas conseguiram a proeza inaudita de estar a tempo e horas no anfiteatro do CIFOP para ouvir o que tinham a dizer (e que era muito e muito interessante) Bigotte Chorão e Manuel Simões. Porventura por algum efeito perverso mas miraculoso das ditas águas estavam os assistentes razoavelmente loquazes e o debate foi por vezes vivo e sempre interessante. A própria Aurélia Stamate quebrou o seu mutismo habitual para interpelar Bigotte Chorão com energia romena. Muito notada a presença de António Cabral, que compareceu da parte de tarde para mostrar que não estava zangado com as Jornadas e, pugnaz como sempre, emitiu alguns pontos de vista muito pertinentes.

O almoço no Amaral parece que não troçou dos mecanismos de trituração de João Macedo, que escreveu com dois algarismos o número de bolos de bacalhau deglutidos. Uma espontânea salva de palmas premiou a excelência do repasto.

O pôr-do-sol oferecido pela Região de Turismo foi simplesmente requintado, apenas perturbado pela aparição incomodativa de um ceguinho de feira e respectiva acompanhante, que cantaram um caso espantoso, "Ingratidão de Sobrinha", em versos de pé quebrado, cuja autoria foi aleivosamente assacada ao distinto poeta Pires Cabral. No fim, estenderam o chapéu à colecta, que rendeu cabedais bastantes a matar a sede na tasca do Alemão - lugar, como se sabe, camiliano.

Aos saudosistas das Jornadas passadas, foi facultada uma sessão de diapositivos, onde figuras tutelares como Alzira Seixo e Pinto de Castro apareciam em transe de meditação transcendental.

De notar a mão férrea de Manuel Simões a dirigir um coro perturbado pela digestão laboriosa do pôr-do-sol e ainda Pires Cabral a suar as estopinhas com o interrogatório cerrado e torcionário do jornalista do JL, António Cabrita.

HOJE

Hoje não se brinca com coisas sérias, porque está cá o Senhor Presidente da República e pode ralhar.

Vila Real, 18 a 21 de Julho de 1988

Mala Posta. Jornal de bordo das 5.ª Jornadas Camilianas, Vila Real, n.º 3, 21 de Julho de 1988 (IC5)

CAMILO CASTELO BRANCO

ASNEIRAS DA ERUDIÇÃO

Jornadas Camilianas 88 / Vila Real

Camilo Castelo Branco, *Asneiras da erudição*.-Vila Real: Câmara Municipal de Vila Real, 1988 (JC5)

JORNADAS CAMILIANAS 88

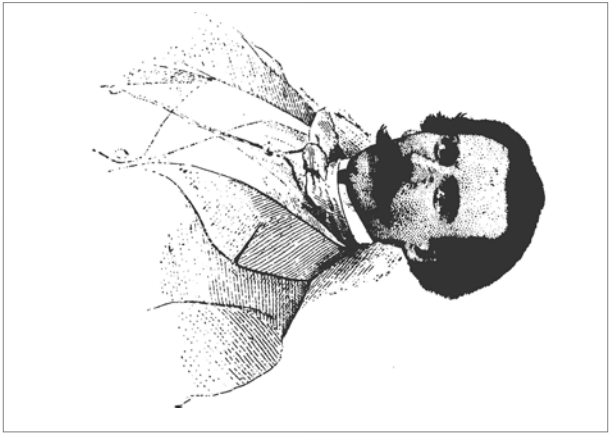
EXPOSIÇÃO

CARICATURAS INÉDITAS DE CAMILO CASTELO BRANCO

CENTRO INTEGRADO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

VILA REAL, 19 A 21 DE JULHO DE 1988

Folheto de Exposição "Caricaturas Inéditas de Camilo Castelo Branco" (JC5)

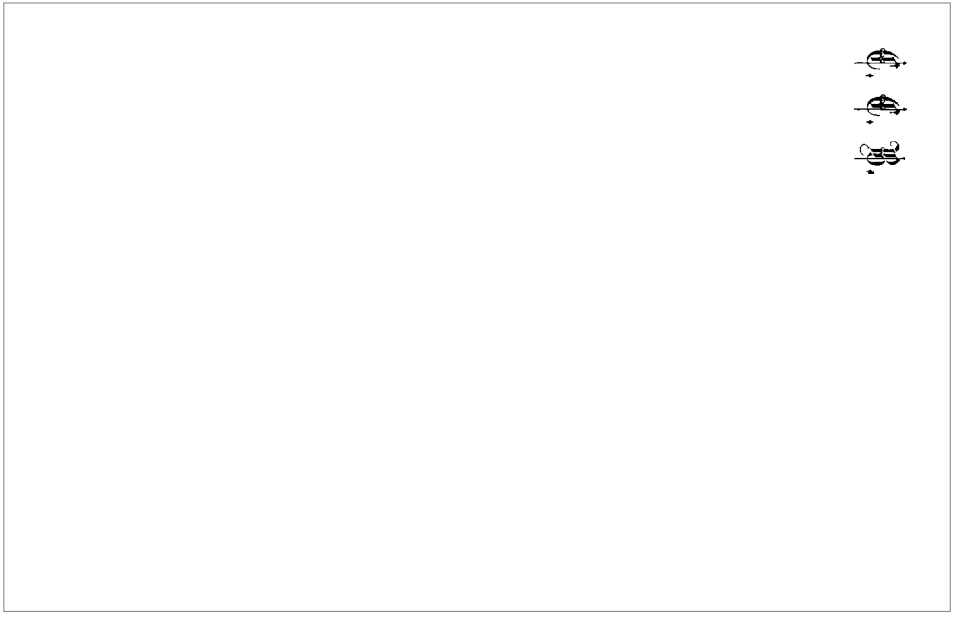


Postal (JC5) | Camilo Castelo Branco

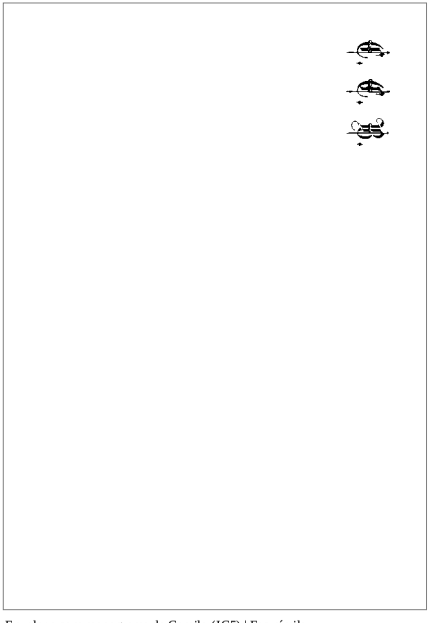
Postal (JC5) | Fotografia de Patrícia Emília

Postal (JC5) | Reprodução de um selo de 25 centavos dos CTT (1925)

Postal (JC5) | Reprodução de um selo de 50 centavos dos CTT (1925)



Papel de carta com monograma de Camilo (JC5) | Fac-símile



Envelope com monograma de Camilo (JC5) | Fac-símile

Pluma de escrever (JC5)

INGRATIDÃO DE SOBRINHA

A história que eu vou contar
se me derem audiência
dá pra fazer meditar
a tão ilustre assistência.

Caso este assucedido
c'uma menina de bem,
onde era tão estimada
p'la sua segunda mãe.

Caso é este negro e feio
e digno de piedade.
Não julguem que estas escândulas
só se dão lá na cidade.

Bem pequena é esta Vila,
católica e virtuosa,
e nela se veio dar
uma cousa tão espantosa.

Escutem as minhas palavras,
senhores, com atenção.
No fim lá me hão-de dizer
se tenho razão ou não.

Dona Ritinha Moreira
é senhora benfazeja
e mui dada aos mandamentos
da Santa Madre Igreja.

Recebeu em sua casa
e deu-lhe o amor de mãe
à sobrinha que era órfã
de mãe e de pai também.

Chamava-se ela Patrícia,
por sua tia instruída
nas prendas que lhe pertencem
a menina bem nascida.

Sabia tocar piano,
sabia falar francês
e os morgados da Vila
requestavam-na à vez.

Bem podia esta menina
pedir por boca marido.
Logo se foi namorar
do mais feio e atrevido.

Vinha ele a ser um pelintra,
bexiguento e refilão,
que rescendia dos Brocas
de tão fraca estimação.

Mas tinha o pintalegrete
suas artes de poeta,
com elas é que logrou
o coração da pateta.

A tia, Dona Ritinha,
vendo tal inclinação,
teve um mau pressentimento,
deu-lhe um baque o coração.

Chamou Patrícia a onde ela,
deu-lhe maternais conselhos.
Mas é o luxo dos novos
cerrar ouvidos aos velhos.

— Madrinha a quem tanto amo,
que tanta coisa me deu,
em mim manda a madrinha,
no coração mando eu.

Só gosto daquele rapaz,
aos outros sou indiferente.
Ir atrás do coração
é fado de toda a gente.

— Livra-te, afilhada minha,
que algum dia eu aqui veja
metido portas adentro
essa c'ruja das igrejas.

Temeu-se disto Patrícia,
mas foi sol de pouca dura
e o que tinha de ser deu-se:
fugiram de noite escura.

Já vão pelo Marão fora,
pecando contra a decência,
já estão a chegar ao Porto
a bordo da diligência.

Mas o tio do rapaz,
tio por afinidade,
dá ordem para os prenderem
mal entrassem na cidade.

Avisada a justiça,
logo os prende sem demora.
E dizem todos na Vila:
— Andai lá, pecai agora.

Cadeia da Relação
é prisão muito segura
feita por conta e medida
para esta paixão impura.

Cadeia da Relação
lá estão metidos a ferros
naquelas celas sombrias
onde se pagam-nos erros.

Ó madrinhas deste mundo,
aprendei bem a lição:
vede todo o vosso amor
pago com ingratidão.

E vós, raparigas loucas,
não sejais loucas completas:
vede bem no que vão dar
as falinhas dos poetas.

Senhoras que me escutastes
estes casos dolorosos,
com o pobre do coguinho
sede agora generosos.

Minerva Transmontana, Typ., L.ª
Jornadas Camilianas • Vila Real • 1988

Cantiga de cego de feira "Ingratidão de sobrinha" (JC5)

Autocolante com reprodução de um selo de 50 centavos dos CTT (1925) (JC5)

Da descendência do escrivão foi Domingos Correia Botelho quem deu mais que falar. Ele é que se pode considerar a cepa oficial dos *Broces*, em relação a Camilo, seu avô paterno. A favor da dúctil memória, posto que raláço, mandaram-no para Coimbra tirar leis. O neto glorioso deixa entrever que pelos almocreves da Riba-Douro lhe fazia chegar a família o cesto aviado com os untos e paios do cerdo e a broa cozida, de onde lhe viera a alcunha de *Broca*. Nada menos verosímil.

(...) Haveria realmente nele o intuito de aspar à estirpe os avoengos que cuspiam nas mãos, preferindo que passassem por beméritos comitões, fosse embora de broa ?! Vila Real não é grandemente terra de milho. O cereal que ao tempo ali tinha maior consumo, e ainda hoje predomina, é o centeio. Depois, por que desvio de fonética broa daria broca ? Chama-se broa ou broeiro ao homem que por sua moleza imita o pão de milho, naturalmente friável e pronto a esmiolar-se. Pelo mesmo processo linguístico se chama broca ao brocador. A grande odisseia do português nas províncias do Norte foi da pedra fazer terra. O alvião, a picareta,

Broca, com texto alusivo à alcunha da família de Camilo Castelo Branco (JC5)

Da descendência do escrivão foi Domingos Correia Botelho quem deu mais que falar. Ele é que se pode considerar a cepa oficial dos *Brocas*, em relação a Camilo, seu avô paterno. A favor da dúctil memória, posto que ralaço, mandaram-no para Coimbra tirar leis. O neto glorioso deixa entrever que pelos almocreves da Riba-Douro lhe fazia chegar a família o cesto aviado com os untos e palos do cerdo e a broa cozida, de onde lhe viera a alcunha de *Broca*. Nada menos verosímil.

(...) Haveria realmente nele o intuito de aspar à estirpe os avoengos que cuspiam nas mãos, preferindo que passassem por eméritos comilões, fosse embora de broa ? ! Vila Real não é grandemente terra de milho. O cereal que ao tempo ali tinha maior consumo, e ainda hoje predomina, é o centeio. Depois, por que desvio de fonética broa daria broca ? Chama-se broa ou broeiro ao homem que por sua moleza imita o pão de milho, naturalmente friável e pronto a esmiolar-se. Pelo mesmo processo linguístico se chama broca ao brocador. A grande odisseia do português nas províncias do Norte foi da pedra fazer terra. O alvião, a picareta,

o ferro de monte eram os instrumentos do calvário, juntamente com a broca.

(...) Agora este *Broca* também pode derivar do instrumento ágil e funâmbulo com que os delta-gatos furam pelas aldeias a louça escaqueirada.

(...) Daqui, dum destes mecânicos volantes podia advir, sem menoscabo, a alcunha dos antepassados de Camilo. Seja como for, destes bons mourejadores é que devia ser constituída a árvore de costados do homem genial.

Aquilino Ribeiro,
«O Romance de Camilo» *(Vol. I)*

Jornadas Camilianas 88

Illmo Sn^r

Presidente da República

Vila Real

Exmo Senhor

Presidente da República Portuguesa

Vila Real, 21 de Julho de 1988

V. Ex.ª sabe que eu não cheguei a ter o privilégio de ver implantada a República em Portugal, não obstante ter podido ainda ouvir os seus paladinos anunciar-lhe o advento próximo e inevitável com o mesmo fervor com que as aves anunciam a aurora. Estava escrito que, vinte anos antes, eu houvesse de fazer por minhas mãos o que desgostos, trabalhos e infortúnios sem conta não haviam logrado fazer. Não assisti pois ao parto, senão às dores e convulsões, desse novo regime que precipitou nos abismos da história o trono de Portugal e deu aos portugueses dedo para designar a cabeça do Estado.

Sabe V. Ex.ª igualmente que nunca votei um amor excessivo à dinastia de Bragança (tirante talvez a D. Pedro V, com quem ainda assim nem sempre fui bastantemente cortês, do que me pesa algum tanto o remorso), e que a dinastia, possivelmente em paga do meu desamor, acabou por premiar quase meio século de labor literário, por esmola, com a mesmíssima mercê que barateou com quanto enxovedo saiu do Minho para o Brasil a abanar a árvore das patacas e de lá tornou com uma conveniente soma delas arrecadada na mesma saquita em que, à ida, levava o naco de toucinho e broa com que se ia cevando no porão da barca "Oliveira".

Perguntará V. Ex.ª, oxalá não enfadado, a que vêm estes preâmbulos. Muito chãmente a isto: a solicitar de V. Ex.ª, como representante maior de um regime que presumivelmente prezará mais os valores do espírito do que mostrou prezar aquele sob que vivi, que o centenário daquele meu tresloucado e justificadíssimo acto de 1 de Junho de 1890 não seja só a exposição de um cadáver literário, senão um tributo vivo aos trabalhos de Hércules que me foi mister sofrer para legar à língua e literatura portuguesas uma obra em que, por entre os mais de duzentos títulos, sempre avultarão dois ou três de que se possa dizer com Maistre: — Li-os e não empobreci.

E a solicitar mais que, usando da autoridade moral do seu elevado cargo, não permita V. Ex.ª que Lisboa, esse abutre que só esvoaça e grasna ao cheiro da carniça dos centenários, que lhe auguram fartos festins e felicíssimas digestões, usurpe e anule os direitos que outras terras, com mais justiça do que ela porque nelas vivi, aprendi, amei e sofri, melhor terão de me lembrar e honrar — se entenderem que os meus méritos sobrelevam uma polegada aos meus vícios e ainda às minhas rudezas e caturrices.

Beijarei penhorado a mão que V. Ex.ª erguer para que isto se cumpra — coisa que, peço licença para lembrar, nunca fiz a um Bragança.

De V. Ex.ª humílimo
e inútil servidor,

Camilo Castelo Branco

Jornadas Camilianas • Vila Real • 1988

Carta imaginária de Camilo Castelo Branco dirigida ao Presidente da República (Mário Soares), com texto de A.M. Pires Cabral (JC5)

Ex.mo Senhor

Presidente da República Portuguesa

Vila Real, 21 de Julho de 1988

V. Ex.ª sabe que eu não cheguei a ter o privilégio de ver implantada a República em Portugal, não obstante ter podido ainda ouvir os seus paladinos anunciar-lhe o advento próximo e inevitável com o mesmo fervor com que as aves anunciam a aurora. Estava escrito que, vinte anos antes, eu houvesse de fazer por minhas mãos o que desgostos, trabalhos e infortúnios sem conta não haviam logrado fazer. Não assisti pois ao parto, senão às dores e convulsões, desse novo regime que precipitou nos abismos da história o trono de Portugal e deu aos portugueses dedo para designar a cabeça do Estado.

Sabe V. Ex.ª igualmente que nunca votei um amor excessivo à dinastia de Bragança (tirante talvez a D. Pedro V, com quem ainda assim nem sempre fui bastantemente cortês, do que me pesa algum tanto o remorso), e que a dinastia, possivelmente em paga do meu desamor, acabou por premiar quase meio século de labor literário, por esmola, com a mesmíssima mercê que barateou com quanto enxovedo saiu do Minho para o Brasil a abanar a árvore das patacas e de lá tornou com uma conveniente soma delas arrecadada na mesma saquita em que, à ida, levava o naco de toucinho e broa com que se ia cevando no porão da barca "Oliveira".

Perguntará V. Ex.ª, oxalá não enfadado, a que vêm estes preâmbulos. Muito chãmente a isto: a solicitar de V. Ex.ª, como representante maior de um regime que presumivelmente prezará mais os valores do espírito do que mostrou prezar aquele sob que vivi, que o centenário daquele meu tresloucado e justificadíssimo acto de 1 de Junho de 1890 não seja só a exposição de um cadáver literário, senão um tributo vivo aos trabalhos de Hércules que me foi mister sofrer para legar à língua e literatura portuguesas uma obra em que, por entre os mais de duzentos títulos, sempre avultarão dois ou três de que se possa dizer com Maistre: — Li-os e não empobreci.

E a solicitar mais que, usando da autoridade moral do seu elevado cargo, não permita V. Ex.ª que Lisboa, esse abutre que só esvoaça e grasna ao cheiro da carniça dos centenários, que lhe auguram fartos festins e felicíssimas digestões, usurpe e anule os direitos que outras terras, com mais justiça do que ela porque nelas vivi, aprendi, amei e sofri, melhor terão de me lembrar e honrar — se entenderem que os meus méritos sobrelevam uma polegada aos meus vícios e ainda às minhas rudezas e caturrices.

Beijarei penhorado a mão que V. Ex.ª erguer para que isto se cumpra — coisa que, peço licença para lembrar, nunca fiz a um Bragança.

De V. Ex.ª humílimo
e inútil servidor,

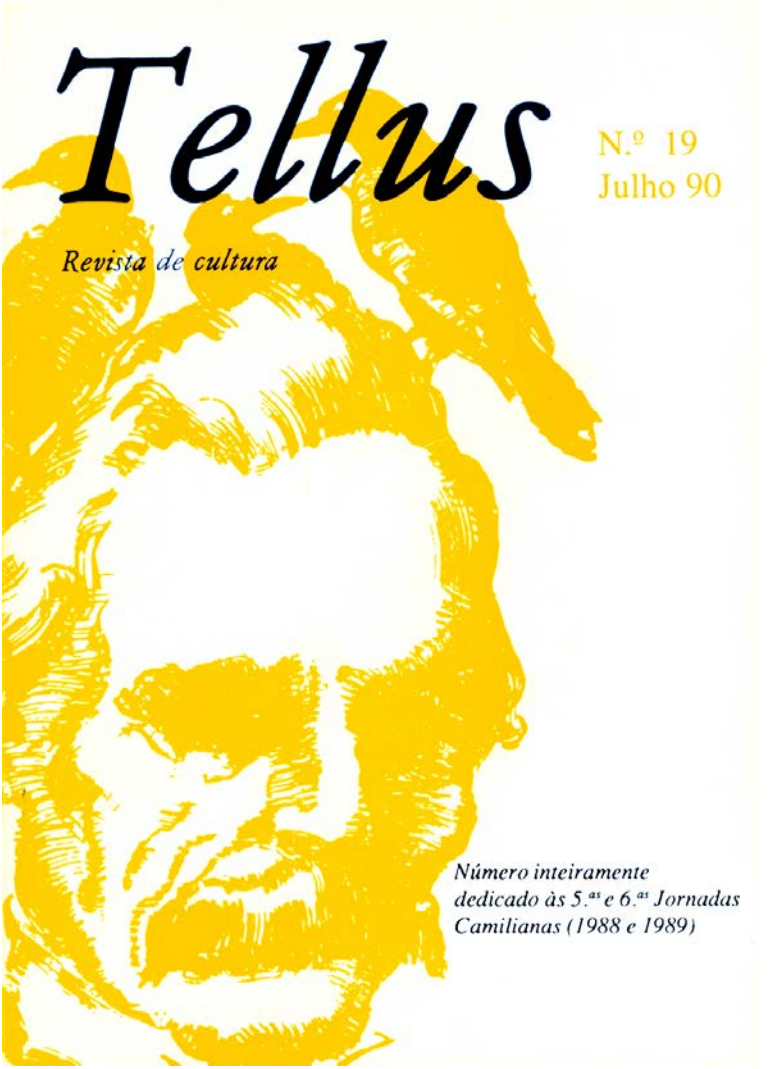
Camilo Castelo Branco

Copo de vidro (JC5)

Tellus

N.º 19
Julho 90

Revista de cultura



Número inteiramente dedicado às 5.as e 6.as Jornadas Camilianas (1988 e 1989)

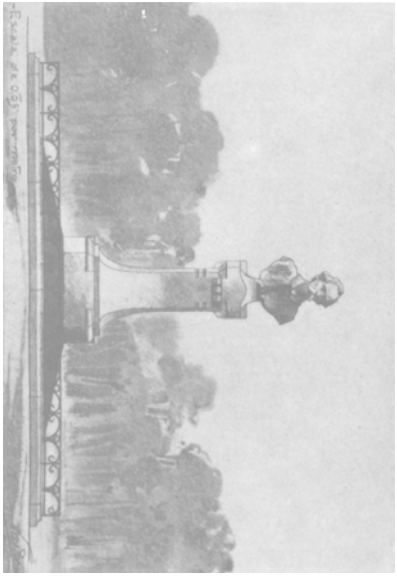
Tellus, Vila Real, n.º 19, Julho de 1990 | Número inteiramente dedicado às 5.as e 6.as Jornadas Camilianas

Pasta (JC6)

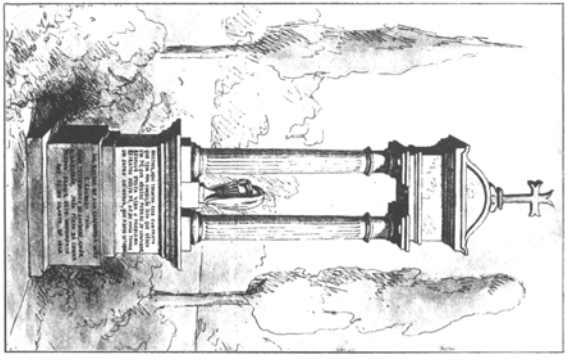
JORNADAS
CAMILIANAS

Bloco de notas (JC6)

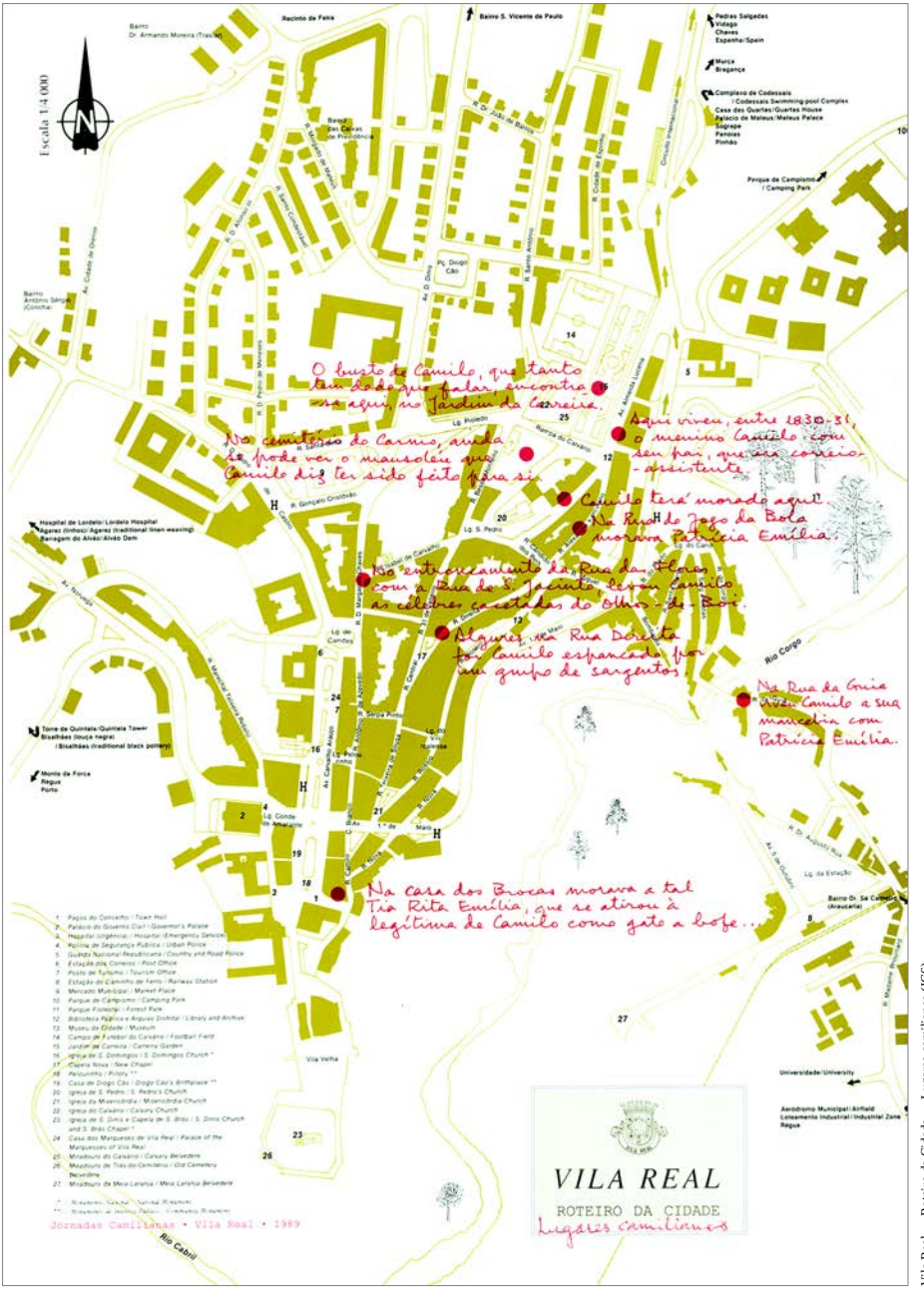
Autocolante (JC6)



Postal (JC6) | Busto de Camilo no Jardim da Carreira



Postal (JC6) | Mausoléu do Cemitério do Carmo, desenho de Trindade Chagas (1925)



Vila Real — Roteiro da Cidade — Lugares camilianos (JC6)

Os ímpetos canoros que Vossas Senhorias teem manifestado em anteriores ocasioens d'estas Jornadas impellem-me a fornecer-lhes graciosamente materia-prima litteraria. É um desvalioso ramalhete de cantigas que alguem recolheu n'este agro torrão do norte, e que muitas vezes ouvi cantar nos longos seroens e fiadeiros da Samardan.

Enquanto a partitura é que não chegam os meus prestimos. Porisso, á falta de melhor, sirvam-se Vossas Senhorias da da «Maria da Fonte», particularmente ajeitada ás orgias gloticas que usam perpetrar.

JORNADAS CAMILIANAS
Vila Real, 1989

Marcador de livros (JC6)

MALA POSTA.

N.º 1 Dia 28 de Julho

Jornal de Bordo das 6.as Jornadas Camilianas

GRAVE OCORRENCIA

Os Serviços Secretos das Jornadas Camilianas interceptaram ontem uma carta, de que, pela sua potencial periculosidade, por ser inequívoca obra da reacção e ainda para escarmento de incautos, julgamos indeclinável dever dar conhecimento:

Meu bom Camillo:

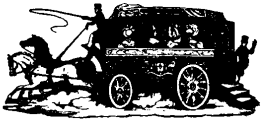
Aquelles ratoens de Villa Rial lá deram ontem inicio a mais uma roedela - a sexta! - no osso que legaste. É caso para dizer que quem te comeo a carne não é quem te esburga agora os ossos. Destinos.

A princeza do Corgo animou-se extraordinariamente ao fim da tarde com a chegada de milhares e milhares dessa gente que gosta de espiolhar a vida alhea. Mau vezo é êsse, amigo. Mas pronto, deo-lhes para aquillo e cá os tens todos os annos, certinhos como um relogio de quartzo (cousa que recentemente se inventou) a tentar entender-te - a ti, Camillo, que és tam complicado, tam Brocas, tam retorcidamente trasmontano.

Vejo com magoa - e tu, ao sabê-lo, juntarás á magoa a cholera - que continuam a introduzir o indecente appendice nazal na tua vida privada. Aquillo é uma alcatea de lobos, que nem os pés poupam á gente nos sapatos, se adregam de nos filar a dentuça no cachaço. Escarneceram-te num vil jogo de barraca de photographo de feira. Aquella cousa um tanto melindrosa do Olhos de Boi, estarás lembrado... Para cumulo, imagina que fizeram uma vera representação duma daquellas velhas scenas de ciumes, tanta vês repetidas, que tinhas com a Patricinha, quando á cascaroleta entrou de cheirar as fraldas aquelle machucho do Francisco Claro, fraca rez e commerciante de mais a mais. As cousas que tu dizias á desgraçada, declaradas ali, com todas as letras, n'um logar publico de dansas e folguêdos de duvidosa innocencia.

Que teem elles a vêr com isso? É o que te digo, Camillo: nem depois de morto e enfiado no gavetão da Lapa te deixam em paz! Já é má sina!

Um abraço do teu do c. (ilegível)

MALA  POSTA.

N.º 2 Dia 29 de Julho

Jornal de Bordo das 6.as Jornadas Camilianas

QUEM SERÁ O TRAIDOR?

Encorajados pela importante intercepção de correio reaccionário ontem efectuada, os nossos Serviços Secretos apertaram a vigilância à mala postal e tiveram a felicidade de, uma vez mais, descobrir nova carta, que transcrevemos para que os nossos amigos vejam bem a que extremos de maldade e mistificação pode recorrer um espírito monstruosamente ressabiado contra as Jornadas. Um espírito, note-se, que está entre nós e pode ser o/a companheiro/a que se senta a nosso lado. Vigilância e militância, amigos! Todas as suspeitas são legítimas! A carta:

Meu bom Camillo:

Os peores symptomas que a farsa d'ontem annunciava aggravaram-se dramaticamente no dia d'hoje. Decididamente, aquella corja perdeo tôda a noção do decôro.

A pretexto de estudar - nota que elles dizem estudar, como se ler não fôra sufficiente - a obra que fôste compondo com o lavôr aturado do melhor de quarenta annos, persistem em ridicularisar-te. D'esta feita, attreveram-se a dar de ti a imagem d'hum poltrão a quem a simples presença do Olhos de Boi faz calar, na roda dos teus amigos, á mesa de um restaurante q̄, diga-se ém abôno da sanctissima verdade, serve huns pasteis de bacalhau melhor do que serve o Aguia D'ouro ostras.

Mas o mais grave é que não é só a tua biographia que lhes serve de motivo de escarneo e maldizer. Não imaginas as cousas horriveis que huns illustres sabichoens e sabichonas proferiram, em lingoagem cafreal, sobre as immorredouras paginas que nos legaste! Desprommoveram-te de escriptor publico em narrador, e a mim, que sempre te leio com indescriptivel gôso, de leitor em narratario. ¡Caspitè!

Até deputados mandaram vir das Côrtes, e deputadas - como se algum d'elles chegasse se quer aos calcanhares gloriosos do teu Callixto de Barbuda! Nec sutor...

A muito se attreve esta escumalha. Ah, Camillo, Camillo ¿onde está o teu fueiro de varrer feiras e arraiaes?

Cá fico á coca, amigo, de mais heresias q̄ logo te relatarei.

Teu do c.

(illegível, mas começado por S)

Vila Real, 27 a 30 de Julho de 1989

O Fotógrafo de Feira

Ali onde hoje se encontra o Seminário Diocesano, existiu até aos anos 50 o Convento de Santa Clara, fundado em 1602, destinado a religiosas clarissas, que, como é de regra entre as monjas, tinham um dedo especialmente virtuoso para a doçaria.

No convento em questão, as religiosas fabricavam e vendiam não só os famosos pastéis de Santa Clara, cuja tradição se perdeu em Vila Real, como ainda as tigelinhas de laranja e os pastéis de toucinho-do-céu, que devem o nome ao facto de, entre outros ingredientes, levarem uma porção de toucinho, que lhes dá o sainete.

Camilo Castelo Branco, durante a sua estadia em Vila Real, em meados da década de 40 do século passado, deixou-se envolver na política e manteve num jornal do Porto, **O Nacional**, uma correspondência em que frequentemente visou o Governador Civil de então, José Cabral Teixeira de Morais.

De tal forma que o visado resolveu, a certa altura, tirar desforço do atrevido plumitivo. E fê-lo à maneira truculenta e sumária da época: mandou-o espancar barbaramente por um seu esbirro, o famigerado caceteiro Olhos-de-Boi.

A agressão teve lugar à porta de José Cabral — supõe-se que no entroncamento da então Rua das Flores (hoje D. Margarida Chaves) com a Rua de S. Jacinto (hoje Isabel de Carvalho).

José Botelho de Carvalho Araújo é a mais conhecida e reverenciada figura de herói vila-realense.

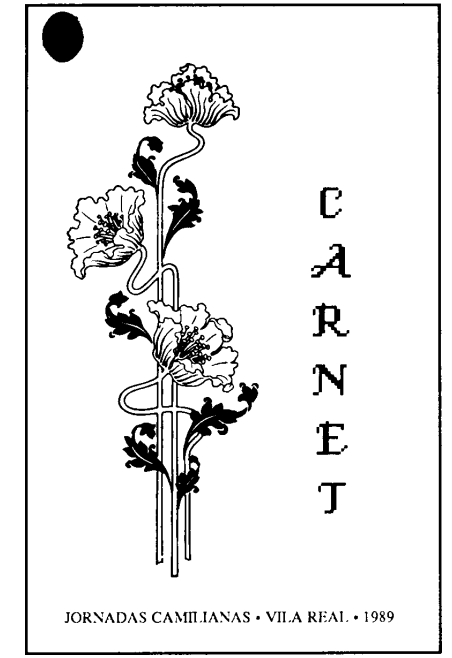
A glória advém-lhe do episódio em que defendeu o paquete **S. Miguel**, dando combate, da ponte do pequeno caça-minas **Augusto de Castilho**, a um submarino alemão **U-139.** Pagou este acto de heroísmo com a própria vida — mas o **S. Miguel** salvou-se e, com ele, os numerosos passageiros que transportava do Funchal para Ponta Delgada.

Deu-se este acto de bravura em 14 de Outubro de 1918, no Mar dos Açores.

Folheto "O fotógrafo de feira" (JC6)

Convite para "Noite diferente com baile" (JC6)

Máscara de baile (JC6)



Carnet de baile (JC6)

Fantasma do capitão-mor
de St.º Aleixo de Além-Tâmega

espreitadela

vinte mil réis

Bilhete de *espreitadela* (JCG)

Postal (JC6) | Fantasma do Capitão-mor de Santo Aleixo de Além-Tâmega

EM VILA REAL

O Busto e a Taça

Agora que o ataque amainou e a conseqüente avalanche de pretendidos terríveis argumentos lançados à face da Comissão das Festas da Cidade de Vila Real, permitam que fechêmos o guarda-chuva, e procurêmos responder, serenamente, por uma só vez aos nossos detractores.

Para melhor compreensão do assunto de que se vai tratar remontêmos à história da sua origem.

Em Vila Real existe, como principal, um jardim, cuja configuração geral é a de um rectângulo regular a meio do qual, na sua maior extensão e a todo o comprimento, é percorrido por uma larga álea ou avenida com cêrca de 8 metros de largo.

Ao centro desta assentou, durante muitos anos, uma taça ou pequeno lago (não tanque insignificante e provinciano) que pelo seu tamanho, inscrita numa circunferência de 9 metros de diâmetro, embora sem pronunciado valor artístico, constituía valioso e indispensável adôrno, fonte de útil e proveitoso refrigerio em tardes calmosas de estio.

Ao surgir a ideia da erecção de um monumento em busto a Camilo Castelo Branco, a respectiva comissão deliberou retirar a referida taça para aí ser colocado.

E se assim pensou melhor o fez! Não gostou a grande, a esmagadora maioria do povo vilarealense. Parte da imprensa discordou, alguns dos jornais pondo à disposição as suas colunas e nelas dos melhores nomes das pessoas de todas as categorias, de vilarealenses ausentes, protestaram num brado unisono, contra a extranha barbaridade praticada. Porque se o busto de Camilo, erigido na Carreira representa uma magnífica obra d'arte, sem contestação, à parte o pedestal em lamentável rocócó, não precisava de desmantelar a velha taça para fazer brilhar o seu indiscutível valor artístico!

Lembra-nos então alguém dos efectos aos autores da famosa ideia, alegarem como únicas razões de ordem estética... que o busto deveria ali estar para dar bem nas vistas (critério de novo rico ao mostrar as suas jóias)!

O acto consumou-se!

A taça foi desmontada: para o seu lugar veiu o busto que com os seus 3 metros d'alto ao centro duma avenida com algumas centenas de metros de comprido e 8 metros de largo, ficou plantado como triste paliteiro a meio de toalha deserta e branca; como sorumbático espantalho cravado na aridez desolada de vasto e imenso deserto!

Na alma de todo o vilarealense que se presa, ficou também, o desgôsto, a vontade latente de remediar o extranho critério d'arte que nos envergonhava a olhos de amigos e forasteiros.

*

Tempos passaram e surgiram as Festas da Cidade do ano de 1931, que tão brilhante êxito alcançaram e em que pela primeira vez em Portugal teve lugar uma prova automobilista de velocidade em numerosas voltas de um circuito fechado, que tão brilhante resultou e animou os subseqüentes desportos dêste género na passada temporada.

Pois bem, a comissão das festas para o ano de 1932, pràticamente constituida pelos mesmos elementos tão aplaudidos em 1931, resolveu, verificando uma falha essencial, manifestada o ano passado, para maior brilho do festival a realizar no Jardim da Carreira, construir provisòriamente um lago para daí ser lançado fogo aquático.

Alguém lembrou que as pedras constituitivas da antiga taça ainda ali existiam, que, portanto, com pouco mais dispêndio, seria reconstruida e assim procedendo e a colocando no seu antigo lugar, levando o busto para um canteiro imediatamente ao lado da avenida, agíamos de acôrdo com a velha aspiração da maioria dos vilarealenses. Desta fórma nem todo o dinheiro seria gasto em obras efémeras, restaurava-se a taça doutra maneira custando muitos e muitos milhares de escudos, o jardim ficaria de novo com um ornamento indispensável, no qual, agora, jórra a água em abundância.

Um facto grave ficava, porém, de pé: a responsabilidade da mudança do busto de Camilo.

Em Vila Real, à parte uma insignificante minoria, a ideia foi bem acolhida. Dos quatro periódicos que agora aqui se publicam, só um, sempre o mesmo, com teimosia digna de melhor sorte, protestou.

Mas a crêr pelas objurgatórias indignadamente lançadas por algumas pessoas, quasi todas domiciliadas no Porto, e inegàvelmente conhecidas como certa categoria nas artes e nas letras, mas em número limitado e sempre as mesmas, às quais poderíamos opôr, sem grande esfôrço, uma série de vultos igualmente ilustres, de reconhecido mérito, resando pela nossa cartilha, tal procedimento toca as raias da imbecilidade, a memória do grande escritor é arrastada pelos transes da amargura!

A nossa reputação de sensibilidade artística é feita em bocadinhos, lançada depois às feras, enquanto, estranho e curioso caso, a verreação municipal, a única que autorisou o grande e horrível crime, em última instância sai, incólume, dêsse foribundo e temeroso ataque.

Afigura-se-nos que a êstes senhores, pelos quais temos a maior consideração e reconhecemos o seu indiscutível valor, não podemos, nêste caso, levar muito em conta as suas opiniões, porque elas podem ser bem ditadas por um gesto de solidariedade caridosa, para com um confrade pobre, encravado, que muitos anos aqui viveu, actualmente no Pôrto domiciliado, e foi o principal autor desta e doutras carrapatas estéticas, tão nefastas a esta cidade, e ainda pela simples razão de que desde que o busto foi mudado a grande maioria senão todos êstes senhores ainda não puzeram cá os pés. Como avaliar do nosso procedimento? Por um óculo?

Porque se actualmente o busto de Camilo está à beira da álea onde antigamente a meio campeava, sob o mesmo cenário, no lugar mais considerado do jardim, acatinhado por um fundo de verdura e roseiras que nós mesmos mandámos plantar, em bôas condições de visibilidade, sôbre um canteiro que será em época própria cuidadosamente ornamentado, e não metido em um buraco, ou antro de despréso como mal intencionadamente propalaram; e se vamos ao que de mais ou menos de positivo existe em razões de arte que afinal se póde considerar uma ciência extremamente subtil, desde as que dela dependem em superior, como sejam o seu aspecto filosófico, moral e simbolista — o ambiente e a obra formada tanto quanto possível um todo emocional — se nessa máscara genial, moldada por Anjos Teixeira, latejasse um cérebro, se os monumentos aspiram a mais do que bronze inerte e trabalhado, certamente que se tornaria insoportável ao grande romancista o lugar banal e pretencioso de comparsa que lhe destinaram, mas, dos dois, preferiria estar à margem, em analista, fóra do desenrolar da tragi-comédia da vida que êle como ninguém soube escalpolizar, sentir e descrever! Quanto, de modo geral, às restantes regras da arte, às genuinamente de ordem material como seja as das proporções, prespectiva, as simples regras que indicam a usual colocação dos bustos aplicadas nas condições em que se encontra êste, e já fôram expostas, tudo reforça o nosso conceito.

A's pessoas de fóra que desejem constituir-se júri nêste pleito pedimos para que não se assustem porque uma pleiade de luminares nas artes servindo do pompeso dos seus nómes nos lançaram excomunhão, contando com fácil vitória visto o corpo de delito se encontrar longe e, portanto, a questão se tornar abstracta, merecendo mais confiança quem maior simpátia de brazões exibir. Venham até cá. Venham a Vila Real. Verifiquem pelos seus próprios olhos que não há crime de iconoclasia, atentados à arte, bustos despresados, reputações perdidas, mendirias deshonradas, comissões boçais e analfabetas, mas que o busto de Camilo se encontra estimado, situado no jardim sôbre um canteiro em condições semelhantes, em todos os pontos de vista, às de todos os outros que existem em jardins pelas cidades dêsse país fóra.

Exemplo que apontamos, outro tanto não podendo fazer os nossos adversários porque a situação em que jazia anteriormente, que êles defendem, pelo exotismo, constituía anomalia única na história do bom senso, para irrisão da arte, vergonha da cidade de Vila Real, que nós em nome do povo vilarealense, autorizados por quem de direito, muito gostosa e justificadamente executamos.

A Comissão das Festas da Cidade de Vila Real

(Visado pela Comissão de Censura)

IMPRENSA ARTISTICA

Fac-simile
Col. Eng.º José Luís Cardoso
Jornais Caldas-Vila Real - 1959

Panfleto "Em Vila Real — O busto e a taça" (JC6)

PROJECTO DO MONUMENTO DE CAMILO, DE ANJOS TEIXEIRA E NORTE JUNIOR, DESTINADO À CIDADE DE VILA REAL

Fac-simile
Col. Casa Museu Camilo Castelo Branco • S. Miguel de Seide
Jornadas Camilianas • Vila Real • 1989

Gravura "Projecto do monumento de Camilo, de Anjos Teixeira e Norte Júnior" (JC6)

CAMILO CASTELO BRANCO

HISTÓRIA DE UMA PORTA

Jornadas Camilianas 89 / Vila Real

Camilo Castelo Branco, *História de uma porta*.-Vila Real: Câmara Municipal de Vila Real, 1989 (JC6)

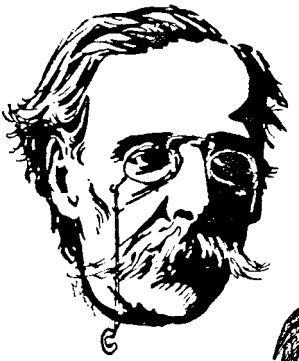
JORNADAS CAMILIANAS

RIBEIRA DE PENA

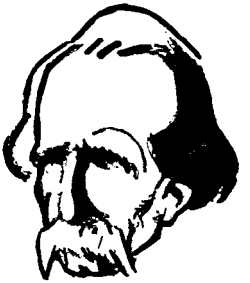
1989

Pasta distribuída em Ribeira de Pena (JC6)

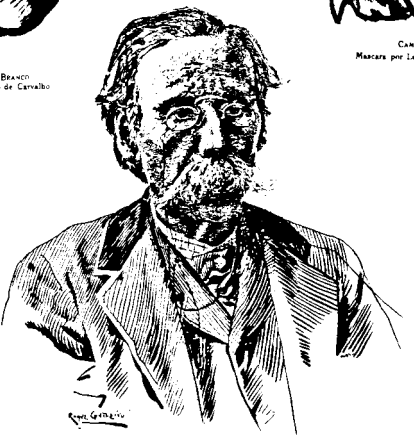
Jornadas Camilianas 1989



Camilo Castelo Branco
Máscara por Cristiano de Carvalho



Camilo
Máscara por Leal da Câmara



RIBEIRA DE PENA

Textos distribuídos em Ribeira de Pena (JC6)

JORNADAS CAMILIANAS

Ementa de refeição em Ribeira de Pena (JC6)

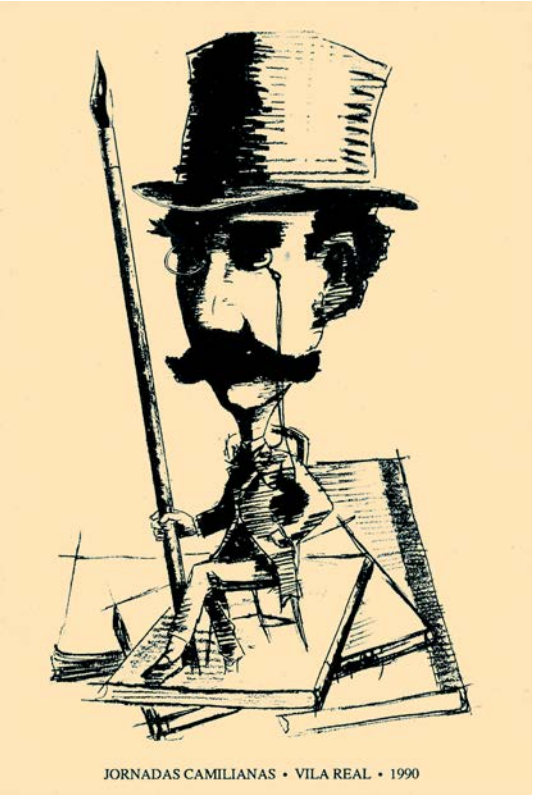
JORNADAS CAMILIANAS

V I L A R E A L

26 A 29 JULHO 1990

CASO ESTE ENVELOPE SE RASGUE É FAVOR PEDIR OUTRO

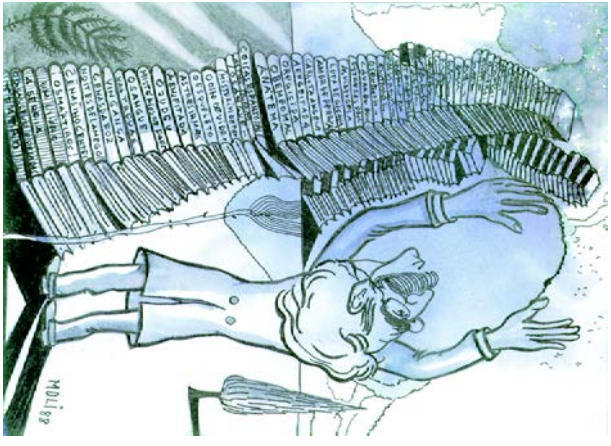
Pasta (IC7)



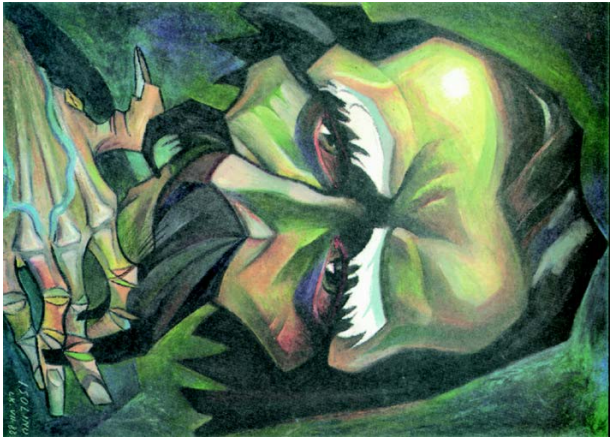
Envelope para colecção de postais (JC7)

Postal (JC7) | Caricatura de Camilo Castelo Branco por Bandeira (1990)

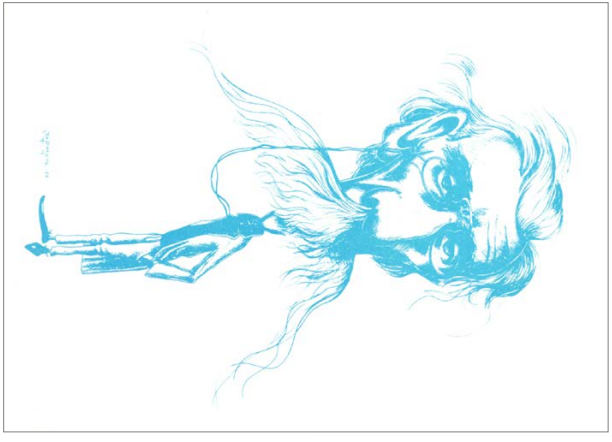
Postal (JC7) | Caricatura de Camilo Castelo Branco por Jorge Laranjeira (1990)



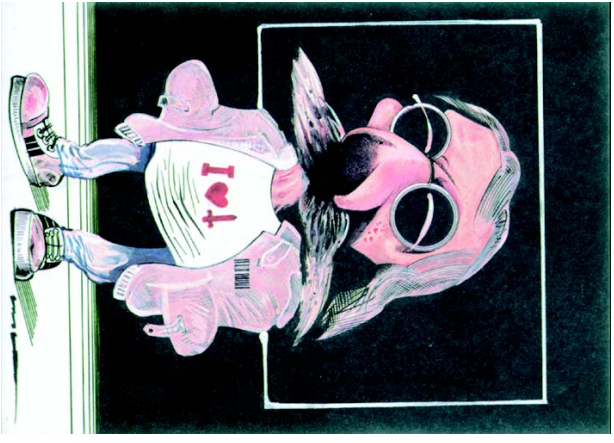
Postal (JC7) | Caricatura de Camilo Castelo Branco por Moli (Mário de Oliveira) (1990)



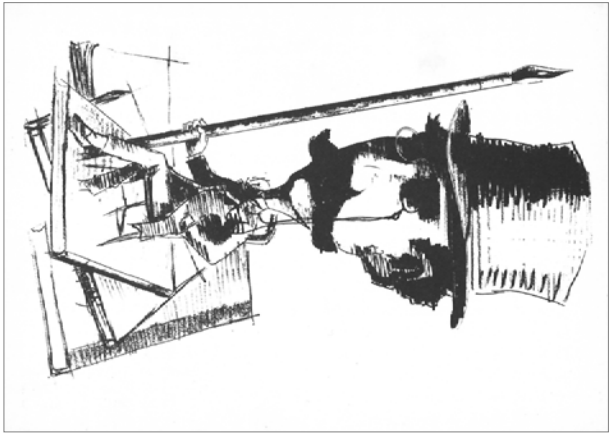
Postal (JC7) | Caricatura de Camilo Castelo Branco por Isolino Vaz (1990)



Postal (JC7) | Caricatura de Camilo Castelo Branco por José Laranjeira (1990)



Postal (JC7) | Caricatura de Camilo Castelo Branco por Vasco (1990)



Postal (JC7) | Caricatura de Camilo Castelo Branco por Sérgio Sá (1990)

MALA POSTA.

N.º 1 Dia 27

Jornal de Bordo das 7.as Jornadas Camilianas

Nota da Administração

A redacção de "Mala-Posta" (com a saudável excepção de Madame Picard, a astróloga) encontra-se em greve por período indeterminado. A greve é manifestamente política, uma vez que o que alegadamente está na sua origem é uma questão comezinha de salários em atraso (apenas três anos).

Repudiando pois esta manobra desestabilizadora da comissão sindical, a Administração, pelo muito respeito que lhe merecem os seus Leitores (que grafa, como se vê, com maiúscula), não quer deixar de colocar nas suas mãos o apreciado jornal de bordo, pelo que, socorrendo-se da prestimosa colaboração de Madame Picard, publica a única coisa que lhe é possível: os horóscopos dos camilianos excelentíssimos para o período de 26 a 29 de Julho.

HORÓSCOPOS

LEÃO - O nativo de Leão é confiante, feliz e sem complicações. Todavia convém não facilitar: um rugido a tempo poupar-lhe-á muitos contratempos. Evite todavia rugir a destempo. É considerado rugir a destempo ressonar no auditório, durante a leitura das comunicações. Saúde: período propício à queda de cabelos da juba. Dinheiro: por falar nisso, já liquidou a sua inscrição? Amor: há sempre uma leoa desconhecida que espera por si.

VIRGEM - O camiliano Virgem é pouco sociável, pouco aberto e pouco expansivo (se calhar, por isso mesmo é que é Virgem). Se é a primeira vez que vem às Jornadas, evite abrir demasiadamente a boca de espanto pelo que vê. Como o período é de sorte, aproveite para meter o boletim do totoloto. Se não lhe ocorrerem números melhores, aqui tem a sugestão dos astros: 4 - 15 - 23 - 24 - 38 - 40. Suplementar: 16. Amor: tome precauções drásticas, se não deseja mudar de signo. Saúde: dores de dentes; modere a sua utilização.

BALANÇA - O nativo de Balança caracteriza-se pelo equilíbrio, a maturidade e o sentido das relações humanas. Período particularmente agitado, pela influência de Júpiter, para esquecer por uns dias os problemas do peso: afinge-lhe pois nos doces conventuais que lhe serão propostos no dia 27. Sente-se à mesa ao lado dos mais gordos e faça o mesmo que lhes vir fazer, e deixe os remorsos para o dia 30. Negócios: conjunção favorável à aquisição de uma primeira edição das "Cousas Espantosas". Amor: desequilibre-se. Saúde: cuidado com a ressaca no regresso de Ribeira de Pena.

ESCORPIÃO - O nativo de Escorpião é agressivo, obstinado e auto-suficiente; é apaixonadamente pró-acordo ortográfico. O dia 28 será pouco propício a ferroadas: lembre-se que quem a ferroadas mata, a ferroadas morre. Mantenha pois o ferrão inerte, mesmo se aquela pessoa com quem embirra teve uns deslizes na comunicação que apresentou. Saúde: prevê-se um ligeiro incómodo gástrico, no caso muito provável de engulir um corta-unhas. Amor: como é auto-suficiente, não sentirá especiais dificuldades. Dia propício: 27 à noite, depois do terceiro copo de refresco.

Mme Picard

MALA POSTA.

N.º 2 Dia 28

Jornal de Bordo das 7.as Jornadas Camilianas

Nota da Administração

Mantendo-se as circunstâncias que determinam as presentes limitações de "Mala-Posta", prosseguimos a apresentação de mais quatro horóscopos pela nossa apreciada colaboradora Madame Picard, a astróloga.

HORÓSCOPOS

SAGITÁRIO - O camiliano deste signo é civilizado, enérgico e propenso à filosofia. O período não é adverso de todo, graças ao modo como Vénus influi sobre Mercúrio. Por isso, se é do sexo masculino, aproveite a tarde de 28 para desferir algumas flechas ao coração de alguma donairosa camponesa de Ribeira de Pena; se é do sexo feminino, pode fazer exactamente o mesmo, que hoje em dia já ninguém repara nessas coisas. Dinheiro: na rua, ande com os olhos no chão, pois é muito possível que encontre uma carteira bem recheada. Saúde: período excelente, com realce para o dia 29, em que até aquele calo deixará de o/a apoquentar. Amor: luz verde nos semáforos de Ribeira de Pena.

CAPRICÓRNIO - O natural de Capricórnio é frio, convencional e sóbrio de palavras e gestos. Esta última característica torna-o particularmente apetecível para apresentar comunicações às Jornadas Camilianas. O período, todavia, exige algumas precauções, pois a conjunção dos astros torna-o muito atreito a alucinações e confusões. Não ligue, se forem ligeiras. Se porém se der o caso de confundir o Viale Moutinho com a Ciccolina ou com um peixe-espada, consulte imediatamente um dos cinco médicos inscritos nas Jornadas. Amor: cuidado ainda com as confusões. Dinheiro: não medite demasiado nas fragilidades do escudo e procure comporantes uma ode ao Dr. Cadilhe de saudosa memória. Saúde: dores de cabeça ocasionais (que não lhe devem servir de pretexto para se baldar aos trabalhos).

AQUÁRIO - No Aquário predomina o espírito sobre a carne. Em compensação, predomina a carne sobre o peixe, à hora da refeição. Durante todo este período, fuja da água como o diabo da cruz: beber água é uma ingratidão. E, se os tormentos da sede o atanazarem, vingue-se nos líquidos nobres que o destino lhe for deparando: siga o exemplo do António Cabral. No amor, evite meter água (salvo se for de colónia). No chuveiro, não é preciso evitar , porque as próprias torneiras se encarregarão disso: se pensava poder tomar dois duches diários em Vila Real, tire o cavalo da chuva. Finalmente, não intervenha demasiado apaixonadamente nos debates: também aí se arrisca a meter água.

PEIXES - Os nativos de Peixes têm dupla personalidade; são, além disso, desinteressados e compassivos. A influência de Saturno, neste período, pode porém torná-los irritadiços. Tenha cuidado e diplomacia bastantes para não exteriorizar essa irritação, sobretudo se alguém decidir começar a cantar canções do Marco Paulo ou insistir em ler-lhe o seu último poema. No amor, cuidado com os eventuais pescadores de águas turvas. Terá uma grande alegria, como Peixes que é, ao estabelecer no dia 29 relações duradouras com um/uma Aquário: é assim uma coisa parecida com encontrar um lar. Saúde: esteja atento à eventualidade, provável, de se lhe alojar uma espinha na garganta. Mas se o não puder evitar, não entre em pânico: lembre-se que o Dr. Ginja é cirurgião e traz sempre um bisturi no bolso.

Mme Picard

Vila Real, 26 a 29 de Julho de 1990

MALA POSTA.

N.º 3 Dia 29

Jornal de Bordo das 7.as Jornadas Camilianas

Senhor Camiliano:
Solidarize-se com a luta de "Mala-Posta"!
Não dê crédito às patacoadas da bruxa!

HOROSCOPOS

CARNEIRO - O indivíduo Carneiro é, contra todas as aparências, indisciplinado; também voluntarioso e activo. Signo de Camilo, como é evidente. Período a exigir prudência: evite ir buscar lã, porque pode voltar tosquiado. No campo da saúde existe a possibilidade remota de ser mordido por um pastor alemão; período achacado também a dores lã-cinantes nos me-e-e-embros anteriores, digo, superiores. Antes de se resolver a cantar a Maria da Fonte, certifique-se de que o Torcato Sepúlveda não está por perto. Durante as Jornadas, não dê demasiada confiança a sujeitos com nomes como Tomé, Américo ou Amélia. Da mesma forma, evite cheirar camélias. Seja bonzinho: não falte às comunicações. Que remé-é-é-é-édio...

TOURO - Os nativos do signo do Touro são sensuais, elegantes e egoístas. Devido à conjugação de influências de Marte e Vénus, o período não é muito favorável; pelo contrário, pode ser mesmo funesto e cheio de bandarilhas. Saúde: dores na pá. Amor: três dias para esquecer em perspectiva; mesmo assim, se surgir uma oportunidade, não hesite: pegue-a de caras. Dinheiro: pode calhar que perca a carteira, com cartões de crédito e tudo. Não procure na polícia, porque não adianta nada; beba antes uns copos para esquecer. Aguente todas as contrariedades do período sem tugir nem mugir. À mesa, evite o bife, sobretudo se estiver mal passado: prefira um peixinho cozido com todos. No auditório, não vá em touradas.

GEMEOS - O nativo de Gémeos reage com entusiasmo, por vezes com violência; mas detesta comprometer-se. Período fértil em incidentes: evite conflitos com os narratólogos. Se notar a certa altura que está a ver as coisas a dobrar, consulte o Dr. Elísio Neves, que muito provavelmente se limitará a prescrever-lhe moderação no consumo de álcool. A sua perspicácia fará com que seja o primeiro a decifrar a charada do dia. No amor, nada de desesperos: quem sabe se não encontrará em Vila Real a alma gémea da sua? Na saúde, cuidado com as vísceras duplas. Dinheiro: goze o que lhe sobra das garras do Dr. Oliveira e Costa (se é que sobra algum); esqueça o IRS e lembre-se que a boa disposição não paga IVA.

CARANGUEJO - O nativo de Caranguejo é tímido, passivo, saudosista e muito vulnerável à influência da Lua. A conjugação de diversas estrelas funestas torna esta quadra particularmente perigosa e sujeita a recuos. Não saia pois muito da carapaça, pois pode calhar que veja a vida a andar para trás. Se conduzir durante estes dias, não se não beba, como evite meter a marcha atrás: há sempre um candeeiro desconhecido que espera pelo seu para-choques. Se lhe oferecerem, à mesa, um caril de caranguejo, recuse delicadamente e sugira a sua disponibilidade para aceitar antes uma omeleta de camarão. Amor: evite por todos os meios andar de candeias avessas com a pessoa que ama. Saúde: crise artrítica ligeira na pinça esquerda, que o impedirá de bater palmas aos conferencistas, mas não, felizmente, de levar o garfo à boca.

SIM À GREVE

Mme Picard

Vila Real, 26 a 29 de Julho de 1990

Mala Posta. Jornal de bordo das 7.as Jornadas Camilianas, Vila Real, n.º 3, 29 de Julho de 1990 (IC7)

CAMILO CASTELO BRANCO

OS OUTEIROS DE S. BENTO DE AVE-MARIA

JORNADAS CAMILIANAS • VILA REAL • 1990

Camilo Castelo Branco, *Os outeiros de S. Bento de Ave-Maria*. - Vila Real: Câmara Municipal de Vila Real, 1990 (JC7)

ALBUM DAS (IN)GLORIAS

POLITICOS, POETAS, ACTORES, MEDICOS, TYPOS DAS SALAS, TYPOS DAS RUAS, ETC.

DESENHOS DE MARIO DE OLIVEIRA

TEXTOS DE AUGUSTO RIDOMAL

VOLUME I

VILA REAL

"Album das (In) Glorias", desenhos de Mário de Oliveira, textos de Augusto Ridomal (IC7)

Este sujeito, abacharelado por Coimbra em leis que nunca foi muito amigo de cumprir ele proprio, ficou na historia a-penas pela heroica attitude de ter mandado desancar um certo plumitivo que lhe fazia gaifonas numa gazeta do Porto. Se não fôsse êsse acto memoravel, de-certo não entraria na posteridade, e teria de resignar-se a ficar à porta, verde de raiva, a ver entrar o tal plumitivo atrevido que, sôbre ser seu inimigo figadal em cousas de politica, não se dignava tirar-lhe o chapéo ao passar.

AUGUSTO RIDOMAL.

JOSÉ CABRAL TEIXEIRA DE MORAES

Precatem-se d'ele. Metem-se-lhe dous vintens nas unhas e uma ordem nas orelhas — Espanca fulano! — e ele cumpre com a mesma tranquilidade de consciencia com que o honesto operario opera com a sua machina. Especialisado em jornalistas insolentes. Há muito d'isto por ahi, n'êste reyno onde quem não vae por bem vae á cacetada.

AUGUSTO RIDOMAL

Se Camillo era tam feyo como o pintam, não sabemos. O que sabemos é que volta e meia acertava de deitar a unha a mulheres de pôlpa, como esta Patricia Emilia de Barros, que tocava piano, e falava francez. Só que Patricia era vinho d'outra pipa, e, tendo-se apagado o fogacho da paixão, bateu a aza e foi antes meter-se nos braços de um que lhe garantia vida menos apertada do que o mestre de meninos. Bem haja ela!

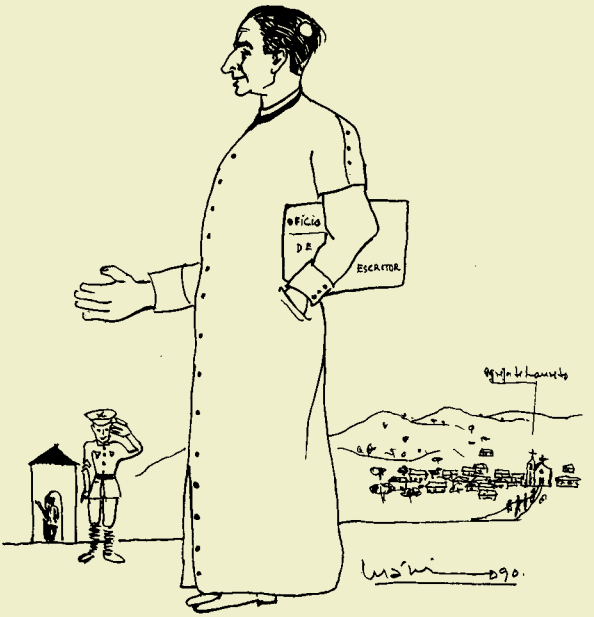
AUGUSTO RIDOMAL.

PATRICIA EMILIA DE BARROS

Êste sujeito é d'aquelles que nasceram com as rotundidades posteriores appontadas para a lua. Tem vindo a subir todos os degraus da carreira publica, e ha-de chegar longe. Palpita-nos que, depois de ter sido Governador Civil de Lisboa, e deputado ás Côrtes, ainda ha-de chegar a Director Geral dos Correos. Se para tanto fôr mister virar a casaca, têmos homem para isso e muito mais. Videirinho, com seus fumos de litterato, para disfarçar.

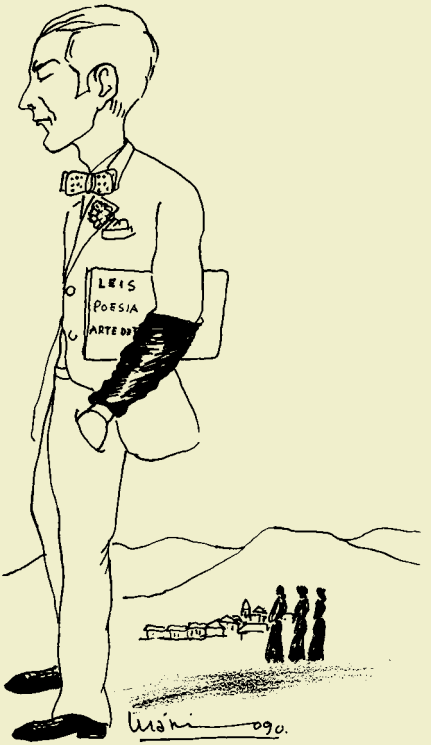
AUGUSTO RIDOMAL.

GUILHERMINO DE BARROS



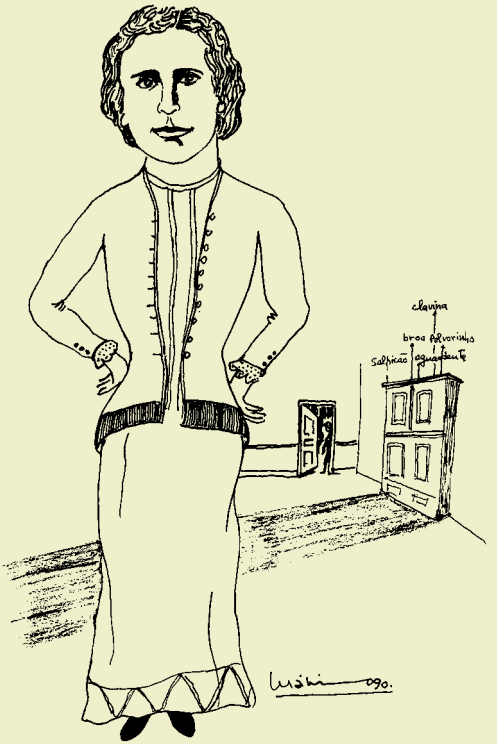
Creatura alentada, ainda que de alento mais muscular do que mental. Tem um genio levado dos diabos, e esquece-se facilmente de que é sacerdote de Christo, quando o offendem. N'essas occasiões não dá pois a outra face, antes prefere dar na face do outro, o que faz a sua differençasita. Foi em tempos sargento, e há quem diga que, quando professou, deixou ficar a farda por baixo da sotaina. Um topa a tudo, êste abbade de Lourêdo, e até ao officio de escriptor. Louvado seja Deus!

AUGUSTO RIDOMAL



Olhem-me bem para esta physiognomia: exemplar acabado do **homo carimborum**, tambem conhecido por **manga-de-alpaca** vulgar de Lineu, não obstante ser bacharel em leis. Amigo de Camillo, estava a seu lado quando êste foi espancado pelo Olhos-de-Boi, e dizem que a dous kilometros de distancia no momento seguinte. Algumas fumaças da arte de Talma, e outras tantas de poesia, mui tirocinada nos albuns das meninas tysicas de Vila Real.

AUGUSTO RIDOMAL.



Irmã de Camillo, teve mais assento do que êle. Casou canonicamente na idade propria com um medico rural. Mas tinha-se lá nas suas tamancas em materia de prosapia, e ralhava a-miude com o mano por via das inclinaçoens plebeas d'êste. Escondia d'êle a clavina, o polvorinho, os salpicoens, a broa, e a cabacinha de aguardente, para evitar que ele fôsse para o monte bandear-se com carvoeiros, e zagaes. Camillo, emquanto vivco com ella, teve de esportular uma mesada. Manos, manos, negocios a-parte...

AUGUSTO RIDOMAL.

CAROLINA RITA CASTELO BRANCO

Consorte da personagem anterior. Medico em Vilarinho da Samardan, e depois em Covas do Douro. Gostava de dar dous tiros às perdizes, mas a melhor peça de caça que logrou apanhar foi Carolina. Camilo não se dava bem nem mal com êle, antes pelo contrario. Mas aquella historia da exhumação da Maria do Adro pelos dous não tem pés nem cabeça.

AUGUSTO RIDOMAL.

FRANCISCO JOSÉ DE AZEVEDO

Irmão do antecedente. Parocho em Vilarinho da Samardan. Boa voz de baritono e alguma erudição. Sympathisava com Camillo, e dispunha-se a ensiná-lo, mas êste era "refractario à luz da gorda sciencia do meu padre". Em todo o caso, Camillo sempre apprendeo com ele "principios de canto-chão, os quaes muito me serviram para as acertadas appreciaçoens que eu fiz, depois, das primadonas".

AUGUSTO RIDOMAL.

PADRE ANTONIO DE AZEVEDO

Êste sujeito não devia ser auctorisado a figurar n'êste album, em que a-penas entra gente honrada. Mas Camillo cismou que era um homem bom, e generoso, quando o conheceu no carcere, e em nome d'isso se lhe teem de perdoar as muitas mortes e latrocinios que fez, por cá e na costa d'Africa. Barzabú que se ponha a pao com ele!

AUGUSTO RIDOMAL

JOSÉ DO TELHADO

PERFIS PUBLICADOS

JOSÉ CABRAL TEIXEIRA DE MORAES
OLHOS-DE-BOI
PATRICIA EMILIA DE BARROS
GUILHERMINO DE BARROS
JOSÉ MARIA ALVES TORGO
LUIZ DE BEÇA CORREIA
CAROLINA RITA CASTELO BRANCO
FRANCISCO JOSÉ DE AZEVEDO
PADRE ANTÓNIO DE AZEVEDO
JOSÉ DO TELHADO

JORNADAS CAMILIANAS • VILA REAL • 1990

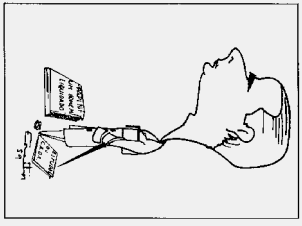
Jogo da Glória ilustrado por Victor Ribeiro (JC7)

Jornaes Cantantes • Vila Real • 1900

AS 7 DIFERENÇAS

Entre os dois desenhos, há 7 diferenças. Descubra-as.

Charada "As 7 diferenças" (JC7)



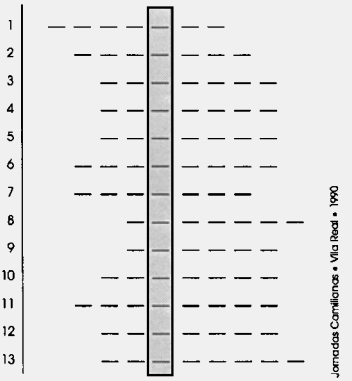
DESCUBRA AS DIFERENÇAS

Tente descobrir as diferenças entre as duas figuras.

Jornadas Camilianas • Vila Real • 1990

(Não conseguiu? Pois claro que não, pelas simples razão de que não existem.
a Nossa Dª Bigotte Charlotte está tal e qual como das 25 anos! Tente ver descobrindo o segredo do mesmo juventude?)

Charada “Descubra as diferenças” (JC7)

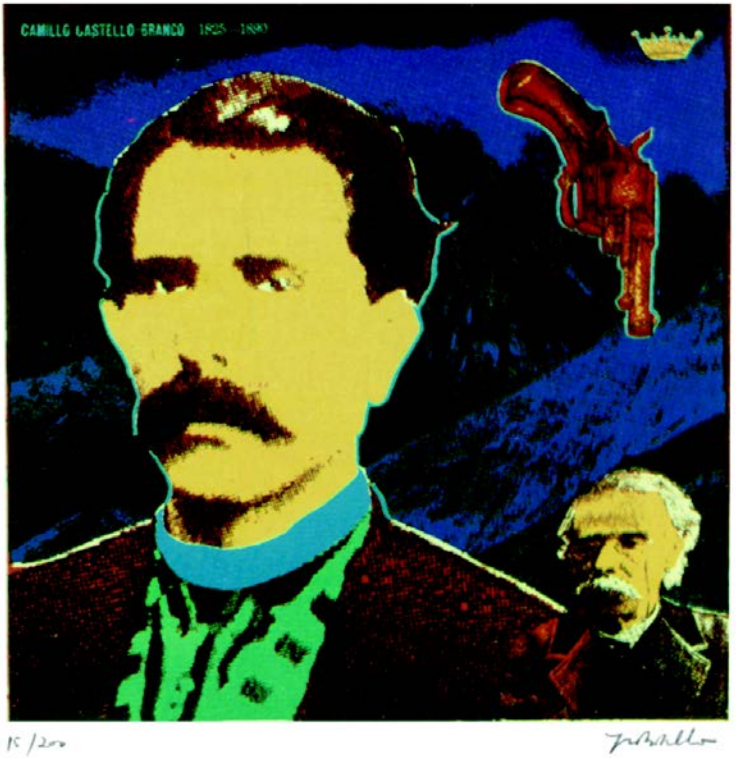


PILHA DE PALAVRAS 2

Descodifique os 13 anagramas de nomes de personagens (masculinas e femininas) de Camilo e coloque os nomes encontrados no lugar respectivo da pilha de palavras. Se este trabalho tiver sido correctamente efectuado, na coluna assinalada aparecerá o título de um romance de Camilo (2 palavras).

1. CLIFEIA	2. ATAISMO	3. AMAINAR
4. COSTILA	5. ORTOEDA	6. DISCUTOA
7. CRAMOIA	8. PALIRMA	9. GALENA
10. GUEIENA	11. CANEGLIA	12. VALSINI
	13. LUSADILA	

Charada "Pilha de palavras 2" (IC7)

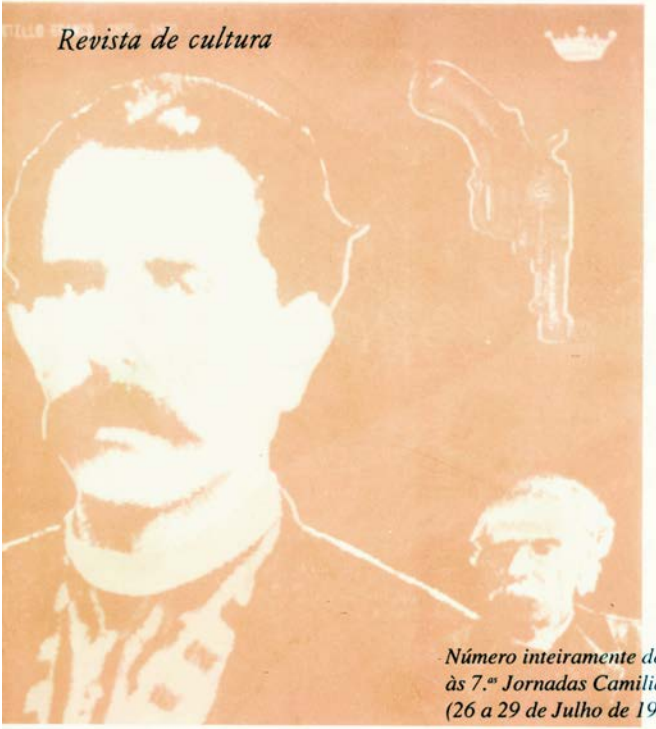


Serigrafia de João Botelho (JC7)

Tellus

N.º 20
Abril 93

Revista de cultura



Número inteiramente dedicado às 7.as Jornadas Camilianas (26 a 29 de Julho de 1990)

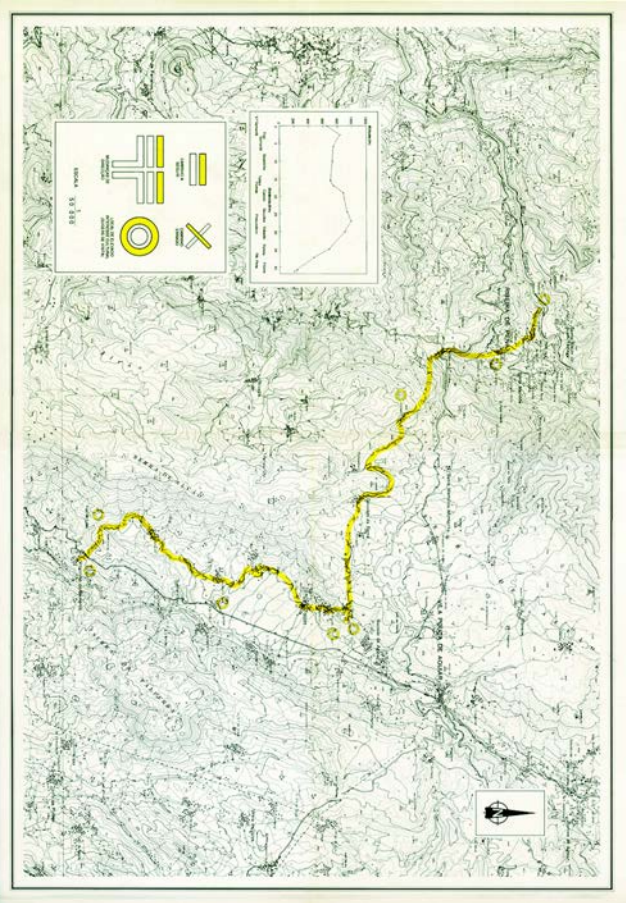
Tellus, Vila Real, n.º 20, Abril de 1993 | Número inteiramente dedicado às 7.as Jornadas Camilianas

Pasta-canudo (PC)

Passos de CAMILO

Vila Real / Vila Pouca de Aguiar / Ribeira de Pena • 1991

Papel de notas (PC)



Mapa “Passos de Camilo” Percurso Pedestre entre Vilarinho da Samardã e Friúme, com texto de A.M. Pires Cabral (PC)

Leitor de cassetes e cassete (PC)

Bordão de caminheiro (PC)

Saco de merenda (PC)

VERSOS A UM CASAMENTO DESEGUAL

Cupido, pois que as setas
Dispara sem precaução,
Atingiu certo fidalgo
Em cheio no co...ração!

Se o atingira nos bofes,
Ou mesmo na passarinha,
Não fira tam grande damno.
Nem desgraça tam daninha.

Mas logo no coração!
Foi obra! Porque o fidalgo
N'esta caça do amôr
E a lebre em vez do galgo.

Expliquemos com minucia
Onde reside a desgraça
Que traz dous irmãos tam nobres
Em querela e arruaça.

É que a donzela em questão
Nesta historia insensata
Para o irmão do fidalgo
É personna non grata,

Pois o sangue que lhe corre
Pel'os vasos capilares
Não é azul, mas vermelho,
Rubro como os rosalgares.

Isto seria somenos
Se ao menos tivesse dote;
Porém consta que não leva
Senão um pente... e um pote!

O morgado um tal namôro
Recusa-se a auctorisar:
Prohibe o mano de a ver,
Quanto mais de a namorar.

Mas quando a sagão aperta
Não há ralhos, nem prisão,
Nem respeito a irmão mais velho,
Nem a pedra de brasão.

Escandecido de amôres,
Nada demove o romeo,
E não cata de saber
Se o sangue d'ella é plebeo.

Folheto "Versos a um casamento desegual" (PC)

Escriptura de Doação que fez Camillo Ferreira Botelho Castello Branco a sua mulher Joaquina Pereira de França do lugar de Freume deste dito Julgado.

Saibão quantos este publico Instrumento de Escriptura de Doação e declaração ou como em Direito melhor lugar haja mais firmeza e validade possa ter virem que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e oito centos e quarenta e hum, aos vinte e hum dias do mez d'Agosto do dito anno neste Julgado de Ribeira de Pena e meu Escriptorio appareceo presente em suas proprias pessoas Camillo Ferreira Botelho Castello Branco, e sua mulher Joaquina Pereira de França do lugar de Freume deste Julgado pessoas reconhecidas de mim Tabellião e das testemunhas ao diante nomeadas e no fim deste publico Instrumento escriptas e assignadas, e outro tambem de mim feito proprio de que doy fé, e eram os proprios por quem a qui se nomeiao. E logo feito dito.

Escritura de doação (PC)

PASSOS DE CAMILO

Passos de Camilo.

E as ambiguidades instalam-se, interpelam, riscam com unha ríspida as vidraças desta transparência.

Pois bem: passos. Que passos?

Passadas, passamentos, passagens?

Percursos, tribulações, fragmentos?

Errâncias, trabalhos, lugares selectos?

Passos que deu, passos que passou, passos que escreveu?

Não importa. Não importa rigorosamente nada. Porque tudo no final de contas são passos. Anda-se, sofre-se, escreve-se com o mesmo corpo e a mesma alma. Tudo são passos, portanto, passos que se emaranham uns nos outros, e principiam e acabam todos no mesmo lugar essencial: a alma sobressaltada, feita para passos, de Camilo.

É certo que, no limiar destes passos, convém uma distinção, embora irrelevante como todas as coisas que convêm. Assim:

Os passos dados são fáceis de seguir, se não nos vendermos demasiado à verdade histórica, a menos verdadeira das verdades. Por meados do século passado, que caminho se tomava para viajar entre Vilarinho da Samardã e Friúme? Pode-se optar por este ou aquele ou aqueloutro de vários itinerários viáveis, mas o mais importante nunca é posto em causa: uma légua mais a norte, mais a sul, dobrava-se o espinhaço agreste e custoso da Serra do Alvão, bebiam-se os ares finos da cumeada e largavam-se os olhos aos trambolhões por aqueles barrocais morados de lobos e mato rastiço, com o Marão, a Falperra, o Barroso, a Padrela e as serras de além-Douro por testemunhas, sideradas do atrevimento de passar. Assim o fez Camilo, assim o podemos nós, querendo, repetir.

Os passos sofridos restituem-se tão facilmente quanto os passos dados. Todas as paixões devem ser pessoais e intransmissíveis. Mas é forçoso abrir uma excepção para duas paixões sublimes e desiguais: a paixão divina de Cristo e a paixão humana de Camilo. A de Camilo será, quando muito, pessoal, e só no sentido de exercitada anteriormente a toda a imitação nossa. Mas não é intransmissível, pois ele no-la legou por um testamento irrecusável e no-la fez experimentar tão real como se vivida. O que Camilo lutou, o que padeceu, o que agonizou — nós lutaremos, padeceremos e agonizaremos longos séculos após ele. Reconhecemos nestes pródigos passos os passos que nós próprios podíamos ter

"Passos de Camilo", texto de A.M. Pires Cabral (PC)

passado, assim as estrelas (funestas ou propícias, não chegamos a saber) o houvessem querido.

Mas toda a mimese, toda a apropriação cessam aqui.

Os passos escritos são o rescaldo, que cada dia e cada noite se apaga e reacende, do fogo-posto duma vida queimada a dar passos, a sofrer passos. Jamais os repetiremos. Seria preciso génio, uma particular configuração anímica e o segredo, que Camilo não desvendou, de dotar as palavras — ainda as mais humildes, ainda as mais banais, ainda as mais antigas e depreciadas — do tremendíssimo poder de amotinar a alma, exercer nela o mistério e o magistério da arte alquímica das letras, que só raros detêm. De resto, para quê repeti-los, se eles, matéria residual e tão luminosa da mineração quotidiana de Camilo, são hoje tão decisivos e duradouros como no primeiro dia? Repeti-los? Seria isso ainda mais fútil do que tolo. O que verdadeiramente importa é devorá-los, a esses passos, com a mesma sofreguidão com que se devora uma qualquer iguaria de que os deuses se alimentassem no tempo em que havia deuses ou com que se morde a última amora à boca do outono. Na esperança, talvez, de nos tornarmos imortais como a coisa mordida, devorada. Imortais na eterna fruição da arte, provavelmente a única imortalidade que vale a pena.

Mas a distinção não vai mais fundo do que isto — eu preveni que era irrelevante. Tudo são passos, na verdade. E nestes passos que vamos dar não se extremará o geográfico do anímico, nem o anímico do ficcional, nem nada de nada, e assim é que será como deve ser: a deambulação, o sofrimento, a escrita — uma coisa só.

A totalidade de Camilo.

Os passos de Camilo.

Nº 15

Texto de A. M. Pires Cabral
Edição de 100 exemplares numerados e assinados pelo Autor

Passos de CAMILO

Vila Real / Vila Pouca de Aguiar / Ribeira de Pena • 1991

(JunC) Junho Cultural 83
(JC1) 1.as Jornadas Camilianas
(JC2) 2.as Jornadas Camilianas
(JC3) 3.as Jornadas Camilianas
(JC4) 4.as Jornadas Camilianas
(JC5) 5.as Jornadas Camilianas
(JC6) 6.as Jornadas Camilianas
(JC7) 7.as Jornadas Camilianas
(PC) Passos de Camilo